



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ADMINISTRATIVO DO AGRESTE
DEPARTAMENTO DE GESTÃO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

JOÃO CARLOS FERNANDES DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA A PARTIR DA JUVENTUDE – IMPACTOS E
POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL ENTRE 2008 E 2018**

Caruaru
2019

JOÃO CARLOS FERNANDES DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA A PARTIR DA JUVENTUDE – IMPACTOS E
POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL ENTRE 2008 E 2018**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Ciências Econômicas.

Área de concentração: Economia do Consumidor.

Orientador: Prof.^a. Dr.^a ANA PAULA SOBREIRA BEZERRA

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

O48e Oliveira, João Carlos Fernandes de.
Educação financeira a partir da juventude - impactos e políticas públicas no
Brasil entre 2008 e 2018. / João Carlos Fernandes de Oliveira. – 2019.
87 f. ; il. : 30 cm.

Orientadora: Ana Paula Sobreira Bezerra.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de
Pernambuco, CAA, Economia, 2019.
Inclui Referências.

1. Educação financeira. 2. Estratégia Nacional de Educação Financeira. 3. Políticas
públicas - Brasil. I. Bezerra, Ana Paula Sobreira (Orientadora). II. Título.

CDD 330 (23. ed.)

UFPE (CAA 2019-

JOÃO CARLOS FERNANDES DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA A PARTIR DA JUVENTUDE – IMPACTOS E
POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL ENTRE 2008 E 2018**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Economia.

Aprovado em 22/05/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Sobreira Bezerra
(Orientadora)
Núcleo de Gestão
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Leandro Willer Pereira Coimbra
(Examinador Interno)
Núcleo de Gestão
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Klebson Humberto de Lucena Moura
(Examinador Interno)
Núcleo de Gestão
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho a Deus, minha família e a todos aqueles que estiveram comigo durante essa dura jornada que estive sendo o caminho até aqui, pois sem o apoio dos mesmos não teria conseguido fazer boa parte do que fiz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço enormemente ao Criador de todas as coisas por ter me dado forças para chegar até aqui. Agradeço a minha família, em especial aos meus pais, Edgar e Clécia, pessoas que eu sei que poderei sempre contar e que sempre estão para me iluminar, e meus irmãos por serem o pilar básico de minha vida e por me acompanharem de sempre e para sempre. A Cicera Paixão, por ser uma pessoa que está sempre conosco e aos meus padrinhos.

Agradeço aos meus professores de Graduação, em especial a minha orientadora, Prof.^a Ana Paula Sobreira Bezerra, a quem me auxiliou em um momento muito complicado e aceitou essa missão complicada comigo. E a minha orientadora de PIBIC, Prof.^a Kécia Galvão, que me permitiu continuar trabalhando nesse tema que me envolvi.

Agradeço a turma da EREM Presidente Tancredo Neves, nas pessoas da gestão e do corpo docente, que foram meus mestres de ensino médio, e posteriormente por me ajudar a continuar nesse projeto e que na escola pudesse começar a trabalhar sobre o tema e me interessar cada vez mais.

E por fim, agradeço aos meus amigos, principalmente os colegas de graduação, que me auxiliaram nos momentos mais adversos dessa jornada até aqui. Gostaria de agradecer aos demais amigos que estão fora deste círculo que foram tão importantes para mim nessa longa jornada, por terem trazidos momentos de alegria e de compartilhamento de situações tão únicas que se mostraram valorosos.

“Precisamos ensinar à próxima geração de crianças, a partir do primeiro dia, que eles são responsáveis por suas vidas. A maior dádiva da espécie humana, e também sua maior desgraça, é que nós temos livre arbítrio. Podemos fazer nossas escolhas baseadas no amor ou no medo.”

(Elisabeth Kubler-Ross)

RESUMO

Pautado em um contexto econômico e financeiro em constante mudanças, o trabalho buscou analisar o impacto do ensino de Educação Financeira na juventude, com um foco maior no caso brasileiro entre 2008 e 2018. Investigou-se a evolução da educação financeira até chegar no Brasil, e depois como foi adaptado ao sistema educacional nacional. Em termos teóricos, buscou qual eram a metodologia pedagógica e o papel das diversas instituições frente à ENEF. Depois buscou-se investigar o impacto da internet como ferramenta utilizada pelos projetos para melhoria do letramento financeiro sem restrições de tempo e espaço. Por fim, encontrou-se dados fornecidos por diversos institutos de pesquisas e organizações interessados em letramento financeiro, que em todo o mundo, e em especial no Brasil, a maior parte dos jovens não estão preparados para lidar com os problemas financeiros, e tem uma forte tendência ao endividamento. Apesar do crescimento do número de projetos de educação financeira recentemente, é necessário que esses sejam mais efetivos em atender os problemas sociais que ocorrerão devido ao pouco conhecimento financeiro existente como a geração de um ciclo vicioso que levará, com o tempo, a uma deterioração relativa na qualidade de vida dos indivíduos.

Palavras-chave: Letramento Financeiro. Educação Financeira. Educação no Brasil. ENEF

ABSTRACT

Based on a constantly changing economic and financial context, the study sought to analyze the impact of Financial Education teaching on youth, with a greater focus on the Brazilian case between 2008 and 2018. The evolution of financial education was investigated until arriving in Brazil, and then how it was adapted to the national educational system. In theoretical terms, it was searched the pedagogical methodology and the role of the various institutions with ENEF. Thus, it was investigated the impact of the Internet as a tool used by financial literacy improvement projects without time and space restrictions. Finally, we found data provided by various research institutes and organizations interested in Financial Literacy, which throughout the world, and particularly in Brazil, the majority of young people are not prepared to deal with financial problems, and they are strongly prone to indebtedness. Although the highly increase of financial education projects lately, it is required to those projects to be more effective in addressing the social problems that will occur due to the lack of financial knowledge and the generation of a vicious cycle that will eventually lead to a relative deterioration quality of life.

Keywords: Financial Literacy. Financial Education. Education in Brazil. ENEF.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Evolução do conceito de educação financeira no Brasil	9
Figura 2 - Dimensões Espaciais e Temporais da Educação Financeira	25
Figura 3 - Decágono das competências que a ENEF coloca como fundamentais para a cidadania financeira plena	27
ANEXO C - Problema 1 do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018	73
ANEXO D - Problema 2 do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018	74
ANEXO E - Problema 3 (parte 1) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018	75
ANEXO F - Problema 3 (parte 2) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018	76
ANEXO G - Problema 4 (parte 1) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018	77
ANEXO H - Problema 4 (parte 2) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018	78
ANEXO I - Problema 5 do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018	79
ANEXO J - Problema 6 do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018.....	80
ANEXO K - Problema 7 do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018	81
ANEXO L - Problema 8 do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018	82
ANEXO M - Problema 9 (parte 1) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018	83
ANEXO N - Problema 9 (parte 2) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018	84
ANEXO O - Problema 9 (parte 3) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018	85

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Iniciativas digitais virtuais mais acessadas por pessoas interessadas em educação financeira	33
Gráfico 2 - Letramento Financeiro dos Millenials e o percentual dos mesmos que utilizam a conta bancária virtuais	35
Gráfico 3 - Letramento financeiro e uso de contas bancárias no Brasil	35
Gráfico 4 - Nível de letramento financeiro dos países segundo a Standards & Poors em 2014 por grupo social no Brasil	37
Gráfico 5 - Relação entre PIB per capita nacional e o nível de letramento financeiro da população	37
Gráfico 6 - Percentual de letramento financeiro entre os principais países desenvolvidos e os países componentes do BRICS.....	38
Gráfico 7 - Relação dos países entre o Índice de Letramento Financeiro da Standards & Poors e o resultado de matemática da PISA 2012	45
Gráfico 8 - Aulas em que são abordados conceitos de educação financeira	48
Gráfico 9 - Origem dos profissionais envolvidos em projetos de educação financeira em escolas e outras instituições de ensino	49
Gráfico 10 - Atuação dos projetos de educação financeira vinculados à ENEF por série escolar alvo	50
Gráfico 11 - Participação das regiões brasileiras em projetos de educação financeira do CONEF e AEF-Brasil	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Objetivos pedagógicos da ENEF por dimensionalidade	26
ANEXO A - Tarefas que os estudantes de cada nível são capazes de executar e o número de estudantes existentes em cada grupo no PISA 2018	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Austrália: Resumo demográfico dos quintis de cada informação e o desempenho em letramento financeiro.....	40
Tabela 2 - Comparativo entre Coreia do Sul e Estados Unidos do nível de letramento financeiro por grupo	42
ANEXO B - Tabela 3: Adultos letrados financeiramente por país	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEF-Brasil	Associação de Educação Financeira do Brasil
ANBIMA	Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais
B3	Brasil, Bolsa e Balcão
BCB	Banco Central do Brasil
BM&F Bovespa São Paulo	Bolsa de Mercadorias e Futuros com a Bolsa de Valores de São Paulo
CNSeg	Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização
CONEF	Comissão Nacional de Educação Financeira
COREMEC	Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização
EaD	Educação à Distância
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
FEBRABAN	Federação Brasileira dos Bancos
GFLEC	<i>Global Financial Literacy Excellence Center</i>
Infi	Instituto FEBRABAN de Educação
OCDE Econômico	Organização para a Cooperação pelo Desenvolvimento Econômico
PIB	Produto Interno Bruto
PISA	<i>Programme for International Student Assessment</i>
PROCON	Programa de Orientação e Proteção ao Consumidor
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Sisbacen	Sistema do Banco Central

SÚMARIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	Objetivos	17
1.2	Justificativa	17
1.3	Metodologia	18
2	BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL	20
3	REFERÊNCIA TEÓRICA	24
3.1	O que é Educação Financeira?	24
3.1.1	<i>Instituições Brasileiras na Educação Financeira</i>	29
4	O PAPEL DA INTERNET NA DISSEMINAÇÃO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL	33
4.1	Internet como ferramenta educacional	33
4.2	Educação Financeira na internet	33
5	ANÁLISE DE DADOS	36
5.1	Impactos da Educação Financeira	42
5.1.1	<i>Contexto Familiar</i>	45
5.1.2	<i>Contexto Escolar</i>	46
5.1.3	<i>Bem-Estar Pessoal</i>	48
5.2	Situação do ensino de Educação Financeira no Brasil	49
5.2.1	<i>Gargalos da Educação Financeira no Brasil</i>	53
6	DISCUSSÃO DOS DADOS	55
6.1	Educação Financeira nas escolas do Brasil	58
7	CONCLUSÃO	60
	REFERÊNCIAS	61
	ANEXO A - Quadro dos níveis de proficiência em letramento financeiro	69
	ANEXO B - Pesquisa da Standards & Poors para avaliar o nível de pessoas com letramento financeiro por país	72
	ANEXO C - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 5	75
	ANEXO D - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 6	76
	ANEXO E - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 8	77
	ANEXO F - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 9	78

ANEXO G - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 11-12 ...	79
ANEXO H - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 13	80
ANEXO I - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 14	81
ANEXO J - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 16	82
ANEXO K - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 18	83
ANEXO L - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 19	84
ANEXO M - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 21-22 ...	85
ANEXO N - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 23-24 ...	86
ANEXO O - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 25	87

1 Introdução

Muito têm se debatido sobre a capacidade do jovem realmente planejar o seu próprio futuro, e como ele lida com a realidade em constante transformação como a atual, em uma economia altamente complexa. O sistema econômico atual proporciona uma realidade que torna mais fácil o acesso ao crédito e outras formas de pagamento comparado aos sistemas anteriores. O sistema atual também conta com um grau de incerteza econômica maior que os sistemas anteriores, gerando um risco considerável aos indivíduos.

E graças à facilitação do acesso ao crédito no mundo, também aumenta os riscos de aumento do endividamento e outros problemas decorrentes da falta de preparo para lidar com o próprio orçamento financeiro, além da baixa consideração dos riscos existentes nesse novo modelo de economia existente. E foi nisso os EUA começaram a pensar em uma forma de melhorar a maneira como as pessoas lidavam com a sua restrição orçamentária (DANES; HUDDLESTON-CASA; BOYCE, 1998, p. 28).

De uma meta para melhoramento da capacidade de investimento interna para um assunto a ser debatido no mundo todo, começou-se um longo debate sobre educação e letramento financeiro, no final da década de 1990 e começo dos anos 2000, que saiu do âmbito acadêmico e passou a criar-se métodos de aplicação em escolas da rede básica de ensino.

Também no sistema econômico atual, vê-se os gastos, principalmente entre os jovens, crescendo rapidamente, enquanto a taxa de desemprego entre os jovens de 18 a 24 anos aumenta consideravelmente. Com a mudança de paradigmas, no Brasil e no mundo, muitos projetos educacionais visavam uma adaptação do jovem a essa nova realidade.

Não somente no Brasil, mas em diversos países do mundo, encontramos um mercado de trabalho hostil para jovens, o que os fazem se tornar mais propensos a irem parar em academias aumentando o seu tempo de estudo, e conseqüentemente o seu endividamento, uma vez que muitas desses estudos são pagos além do próprio custo

de vida, levando a uma propensão ao endividamento maior nesta fase da vida (DWYER; MCCLOUD; HODSON, 2011).

Visto que os jovens estão vulneráveis a sorte que os acomete frente as oscilações econômicas existentes, existe toda uma pauta necessária para se debater a existência de necessidade de um melhor grau de conhecimento de finanças dos próprios jovens.

1.1 Objetivos

1.1.1. Objetivo Geral

Investigar e analisar os estudos existentes de educação financeira para jovens, buscando descobrir os impactos de como a melhora de letramento financeira na juventude e como isso afeta ao longo de sua comparado a outros jovens.

1.1.2. Objetivos Específicos

- Levantar estudos existentes para coleta de dados sobre letramento financeiro e como isso se relaciona ao longo da vida;
- Trazer estudos que mensuram o grau de conhecimento financeiro dos estudantes de ensino médio, com ênfase no Brasil;
- Buscar pesquisas que testaram a eficiência dos programas de educação financeira no Brasil e no mundo.

1.2 Justificativa

Embora se tenha a atuação dos diversos programas de educação financeira por parte de diversas instituições, temos no Brasil um cenário de difícil inserção no mercado de trabalho e obtenção da estabilidade financeira. Poucas escolas são contempladas ativamente com os programas de educação financeira no Brasil. Resultando em jovens muitas vezes inexperientes no mercado de trabalho, com incapacidade muito grande de planejar o seu próprio futuro a fim de aumentar a factibilidade de suas metas no longo prazo.

O custo de vida veio aumentando nas últimas décadas, e graças a isso, a faixa mais jovem estão postergando casamento, nascimento de seus primeiros filhos, saída

da casa dos pais e compra do carro próprio. Pesquisas feitas mostram que os jovens estão se vendo forçados a terem que trabalhar para pagar suas dívidas acumuladas durante a sua época acadêmica, que teve seu custo aumentado nos últimos anos(DWYER; MCCLOUD; HODSON, 2011).

É relevante destacar que a faixa etária mais jovem no Brasil atualmente está com queda no seu endividamento relativo e absoluto, isso não se deve a uma melhora no seu letramento financeiro, mas na crise brasileira pós-2014, que resultou num aumento considerável de desemprego entre os jovens. Até 2018, a parcela de jovens de até 20 anos eram responsáveis por 18% dos jovens superendividados (SPC, 2018). Esses jovens precisavam de apoio externo para conseguirem sanar ao menos metade de suas dívidas, concluindo que os jovens, em sua grande parte, não estão preparados para assumirem responsabilidade de seus orçamentos.

Isso está empurrando os jovens a buscarem maior qualificação profissional enquanto vivem com os pais. Tendo em vista toda a situação existente no Brasil e no mundo, se faz necessário entender como a juventude está encarando toda a estrutura social que emergiu no final do Século XX e no Século XXI.

Ao mesmo tempo que a complexidade do sistema financeiro mundial aumenta, também se percebe que a informação por parte dos usuários com relação a essas alterações é baixa, levando os mais vulneráveis a aumento de problemas financeiros e falência (OCDE, 2005, p. 63)

1.3 Metodologia

Para lidar com a problemática proposta que veio sendo vista até agora, o trabalho consistirá em uma revisão bibliográfica com base de dados secundários. Buscou-se artigos e livros que abordavam o tema educação financeira em geral, mas a ênfase maior foi em letramento financeiro para jovens e o impacto de educação financeira ao longo da vida.

Em termos de dados empíricos de avaliação do desempenho do conhecimento de educação financeira, será somente estudados os estudos que buscam jovens

estudantes de ensino médio. A delimitação de busca de resultados empíricos de desempenho de educação financeira no Brasil analisado foi de 2008 a 2018, pela inexistência de dados concretos nessa área antes dessa data que incluíam estudantes de ensino médio.

Entre as bases de dados, se destaca a *Programme for International Student Assessment* (PISA), um exame trianual da Organização para a Cooperação pelo Desenvolvimento Econômico (OCDE) para avaliar o nível de educação em diversos países ao redor do mundo. Em 2012, a PISA inseriu em sua avaliação de matemática questões de “matemática aplicada”, que eram questões financeiras. A partir de 2015 a PISA incluiu uma prova de educação financeira no Brasil.

Enquanto a sua base teórica visitará a evolução dos conceitos de educação financeira e todos os termos que derivam dela até chegar no Brasil. Começara a coleta dos programas educacionais americanos originados na década de 1990 até a sua expansão mundo a fora. Para o caso brasileiro será centrado as propostas de educação financeira da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF).

1.4 Breve histórico da Educação Financeira no Brasil

Neste capítulo será discutido a evolução do tema Educação Financeira no Brasil, com foco nos estudos voltados para o Ensino Fundamental e Médio. No decorrer desse capítulo iremos citar algumas avaliações que foram feitas no decorrer da última década, como também situar algumas medidas que já foram tomadas para a melhoria do letramento financeiro dos estudantes da rede básica de ensino.

O debate sobre letramento financeiro costumava se restringir somente ao meio acadêmico das Ciências Sociais Aplicadas, como Administração de Empresas, Ciências Atuariais, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis.

Apesar desse debate estar bastante amadurecido nas universidades, o conhecimento também era debatido em cursos técnicos de administração e de contabilidade, entretanto, o assunto nunca fora debatido com profundidade na educação básica como um saber necessário.

Enquanto em países desenvolvidos a educação financeira já faz parte do currículo obrigatório desde a década de 80, o Brasil, como em outros países em desenvolvimento que enfrentam problemas em sua educação não constam com essa disciplina em seu leque de aulas.

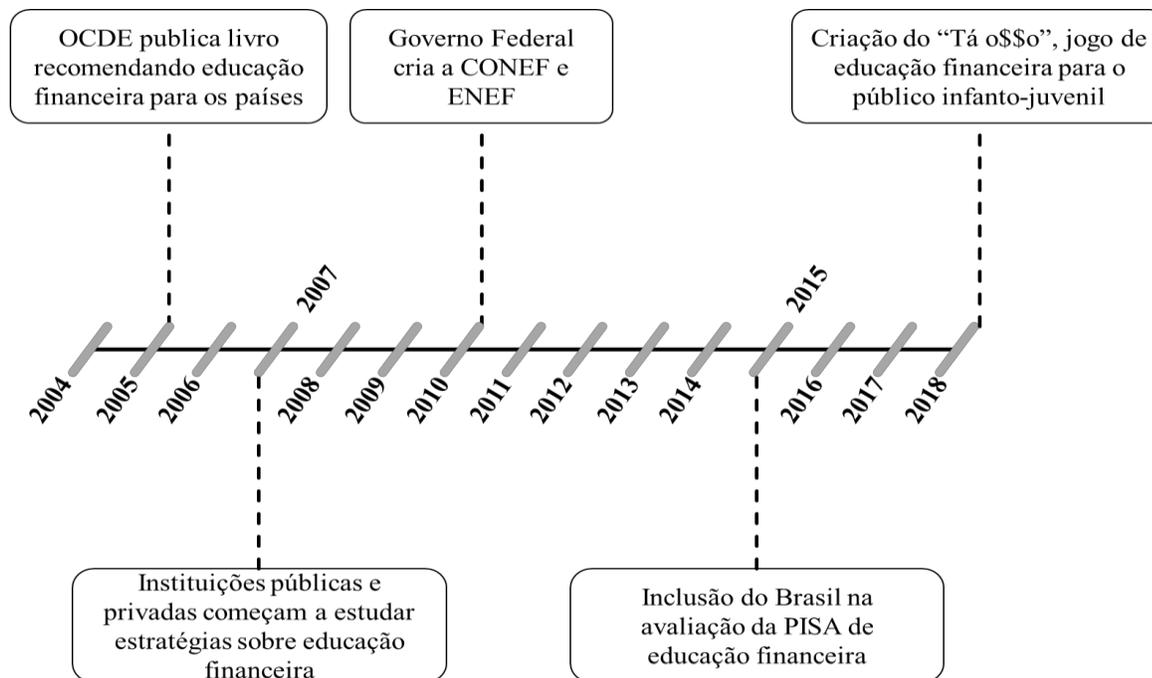
Se torna perceptível a baixa presença de materiais produzidos antes de 2008 sobre letramento financeiro na rede básica de ensino. No Brasil, educação financeira era vista como uma matemática contextualizada em que se aplicava taxa de juros e contextualização dos problemas básicos de direito do consumidor e poupança (MEC, 2000). Porém outros tópicos, como estratégias de consumo, *trade-off* e finanças pessoais eram completamente ignorados (SAVOIA, SAITO e SANTANA, 2007, p. 1133).

No contexto brasileiro, já em 2007, iniciou-se uma mudança de perspectiva com um novo alinhamento do Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização (COREMEC), em que propunha uma avaliação e melhoria geral sobre o conhecimento em finanças pessoais do brasileiro (OCDE, 2013, p. 67-68).

As instituições financeiras já vinham prestando maior atenção a preocupação internacional pelo nível de educação financeira nos países em desenvolvimento, e juntos começaram ativamente a implementar programas de educação financeira para jovens nas universidades e para adultos em cursos de gestão financeira (BCB, 2013), essa mudança de atitude era devido a um argumento de que o Brasil como um dos países mais ricos do mundo, tinha uma taxa de poupança em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) muito baixa comparado a outros países do mesmo nível de desenvolvimento social (DANES; HUDDLESTON-CASA; BOYCE, 1998, p. 28).

Após o final de 2007, as instituições financeiras no mundo todo preocupadas com os efeitos da crise financeira começaram a fazer orientações para os seus clientes, explicando sobre como organizar as suas finanças e desenvolvendo material educacional e cursos pagos.

Figura 1 - Evolução do conceito de educação financeira no Brasil



Fonte: Elaboração Própria

O primeiro questionário registrado no Brasil foi feito em 2008 com o intuito de mapear os saberes gerais em letramento financeiro do brasileiro, e identificou-se que

82% dos brasileiros tinham baixa noção sobre administração do seu dinheiro, nessa pesquisa fora feita somente 4 perguntas para procurar qual o grau de atenção que os entrevistados davam as suas finanças.

A partir de 2009, a OCDE em conjunto com diversos países, começaram a preparar estratégias para incentivar a cidadania financeira dos jovens, no Brasil, isso entrou através do decreto 7.397/2010, que instituía a Comissão Nacional de Educação Financeira (CONEF), que visava buscar parcerias público-privadas, as PPPs, para poder promover em todas as camadas sociais e faixas etárias o melhor domínio do letramento financeiro (CONEF, 2013).

Entre 2010 e 2011, foi realizado um acompanhamento de 17 meses com 20 mil estudantes no ensino médio de 6 estados do Brasil por uma equipe de economistas do Banco Mundial, tendo 2 avaliações, em que comparavam os resultados de pessoas que estavam tendo acesso ao material de educação financeira e os que só estavam tendo o teste (BRUHN et al., 2013, p. 9-10).

Através do CONEF conseguiu-se parcerias com bancos (públicos e privados), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Banco Central do Brasil (BCB). Foi a partir da CONEF que surgiu uma parceria com o Ministério da Educação, um programa que visava levar as escolas de Ensino Fundamental e Médio, atendendo pela sigla ENEF.

Em 2012, o PISA acabou inserindo questões de matemática financeira no exame de matemática, como conhecimento de matemática prática para os estudantes do Ensino Médio. Já em 2015, o programa decidiu expandir algumas matérias, incluindo questões de conhecimento financeiro, para uma avaliação separada, em que não somente tinha questões de matemática financeira, mas também questões contextualizadas (OCDE, 2015).

A partir de 2013, a Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF-Brasil), instituição que fora criada anteriormente pela parceira da Brasil, Bolsa e Balcão (B3), a Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização (CNseg), Associação Brasileira das Entidades dos

Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA) e Federação Brasileira dos Bancos (FEBRABAN), passou a se tornar aliada do CONEF, uma vez que tinham interesses em comum (AEF-Brasil, 2014), gerando-se um convênio que perdura até hoje. Os frutos dessa parceria foram uma extensa produção de material didático, principalmente voltado para as escolas, como livros didáticos virtuais para a educação básica.

Esse material foi feito com o apoio de psicólogos, professores de matemática, especialistas em finanças, sociólogos e afins, tratando com uma proposta pedagógica consistente em um ambiente favorável tanto para que o estudante possa trabalhar sobre o material, e fosse facilmente compreendido para professores e estudantes. O material vem apresentar com 78 estudos de caso como as finanças podem ser simples e cotidianos, desenvolvendo no aluno uma noção de responsabilidade, consciência e ética do indivíduo, para atingir a plenitude como agente no meio econômico. Apesar de haver um material, ele é puramente virtual e não existe uma contrapartida real nas escolas públicas (CONEF, 2013).

Como visto no decorrer do capítulo, o debate no Brasil é recente, e encontra nas instituições financeiras como maiores interessadas. Na educação brasileira, a educação financeira cada vez mais deixa de ser uma subárea da matemática aplicada, e passa a ganhar notoriedade, mesmo que a passos lentos. No próximo capítulo será discorrido sobre o referencial teórico de educação financeira, assim como todos os agentes envolvidos com o ENEF e suas principais contribuições.

2 Referência Teórica

Neste capítulo é tratado a definição de educação financeira ao longo do tempo e as suas dimensionalidades em diversos ambientes e como fora adaptada no Brasil. Esse capítulo também aborda as responsabilidades tomadas pelas instituições financeiras parceiras da ENEF no Brasil para o desenvolvimento das diversas etapas da cidadania financeira.

2.1 O que é Educação Financeira?

Desde a década de 1980 o conceito de Educação Financeira foi muito explorado no mundo, quando começou em escolas americanas. Entretanto, o conceito sempre girou em torno de que a educação financeira deveria promover amplamente o conhecimento monetário, para que o indivíduo atingisse um nível de letramento financeiro suficiente capaz de garantir bem-estar máximo, permitindo ao mesmo ter o mínimo de problemas possíveis, aproveitando ao máximo de sua cidadania financeira.

Os EUA foram a vanguarda, pois havia a preocupação de serem o país com menor número de poupadores e investidores em frente a outros países desenvolvidos. Estudos no final da década de 1990 mostraram que os jovens que tinham aula obrigatória de educação financeira conseguiam, já em curto prazo, ter maior parte do dinheiro que tinham disponível para ser poupado, e conseqüentemente mais dinheiro a médio prazo que os seus colegas que não tiveram aula de educação financeira (BERNHEIM; GARRET; MAKI, 1997, p. 21-22).

O programa de ensino de educação financeira começou em escolas dos EUA, com aulas de poupança, administração financeira, decisão de tomada de risco, decisão de escolha intertemporal, e planejamento das finanças pessoais (DANES; HUDDLESTON-CASAS; BOYCE, 1998, p. 29) e em algumas escolas contava também com aconselhamento de direitos do consumidor nos EUA e análise dos contexto econômico como um todo (BRUHN et al., 2013, p. 6).

Ao serem aplicados em outros países desenvolvidos, a ementa sofreu algumas alterações, visando se adaptar ao contexto local. No Reino Unido, as aulas de educação financeira não foram tidas como obrigatórias como em muitos estados americanos, mas

tiveram a experiência de que as instituições financeiras (como bancos e entidades comunitárias), e instituições não-financeiras, porém com interesses convergentes (como a *Financial Services Authority*, instituição de defesa do consumidor grã-bretã; a *Basic Skills Agency* e *Department for Work and Pensions*) pudessem estar juntos e engajar em prol da melhoria da cidadania financeira dos indivíduos, dentro e fora das escolas (SAVOIA; SATO; SANTANA, 2007, p. 1130-1132).

1.1.3. Educação Financeira nos planos da OCDE

A partir de 2003, a educação financeira se espalhou pela Europa, tornando-se componente eletivo do currículo da educação secundária. Mas foi somente a partir de 2005 que a OCDE, observando a importância que isso tinha para diversos países, montou um plano efetivo que convidava os demais países em desenvolvimento, incluindo o Brasil para fazer parte desse novo conceito que teria características universais e deveria ser implementado em diversos os países.

Atualmente, os norteadores mundiais de educação financeira é o plano de 2005 da OCDE, que serviu como base para diversos países montarem o seu plano de implementação de educação financeira na rede básica de ensino nacional.

Para a OCDE (2005, p. 13-14) pode-se definir a educação financeira como o processo pelo qual os consumidores e investidores melhoram o seu entendimento sobre os produtos financeiros e conceitos, e através da informação, instrução e aconselhamento objetivo, melhora-se as habilidades, confiança e consciência sobre os riscos e oportunidades financeiras para fazer escolhas bem informadas e saber onde pode encontrar ajuda, e tomar outras ações efetivas para melhorar o bem-estar financeiro (OCDE, 2005, p. 13-14; 26).

Além do próprio governo, estimulando a educação financeira em escolas, as instituições financeiras deveriam estar também participando ativamente, para o melhor entendimento dessas instituições como parte da cidadania financeira dos indivíduos. Essas instituições deverão participar mostrando as alternativas para garantir a proteção devida de todas as partes, para que nenhum possa tomar vantagens indevidas em relação ao outro.

A OCDE acreditava que a Educação Financeira estava se tornando tão importante quanto o processo de alfabetização foi no mundo, então em inglês batizaram que a educação financeira promoveria o aumento considerável do conhecimento em *financial literacy* (em tradução livre, alfabetização financeira), pois não somente impactaria na maneira como o mesmo lidava com o seu dinheiro, mas poderia aumentar a capacidade de poupar e de investir dos indivíduos, e conseqüentemente, afetaria o meio, como fora comprovado com os primeiros estudantes nos EUA (BERNHEIM; GARRET; MAKI, 1997, p. 28-30).

E a partir da linha de pensamento que a verdadeira cidadania seria somente alcançada com a superação da ignorância do indivíduo, e então da atuação do mesmo sobre o ambiente ao qual vive (FREIRE, 1987, p. 1), intuitivamente conclui-se que o letramento financeiro se converteria em ampliação de mundo, a plenitude de mais uma das facetas do indivíduo: a cidadania financeira.

Segundo o Banco Central do Brasil (2018, p. 7), cidadania financeira pode ser descrita como o exercício de direitos e deveres que permite ao cidadão gerenciar bem seus recursos financeiros, e a plenitude da educação financeira só pode ser alcançado conforme há a participação da educação e das instituições financeiras promovem o debate para que elas saibam onde procurar os serviços financeiros que irão resolver os seus problemas existentes.

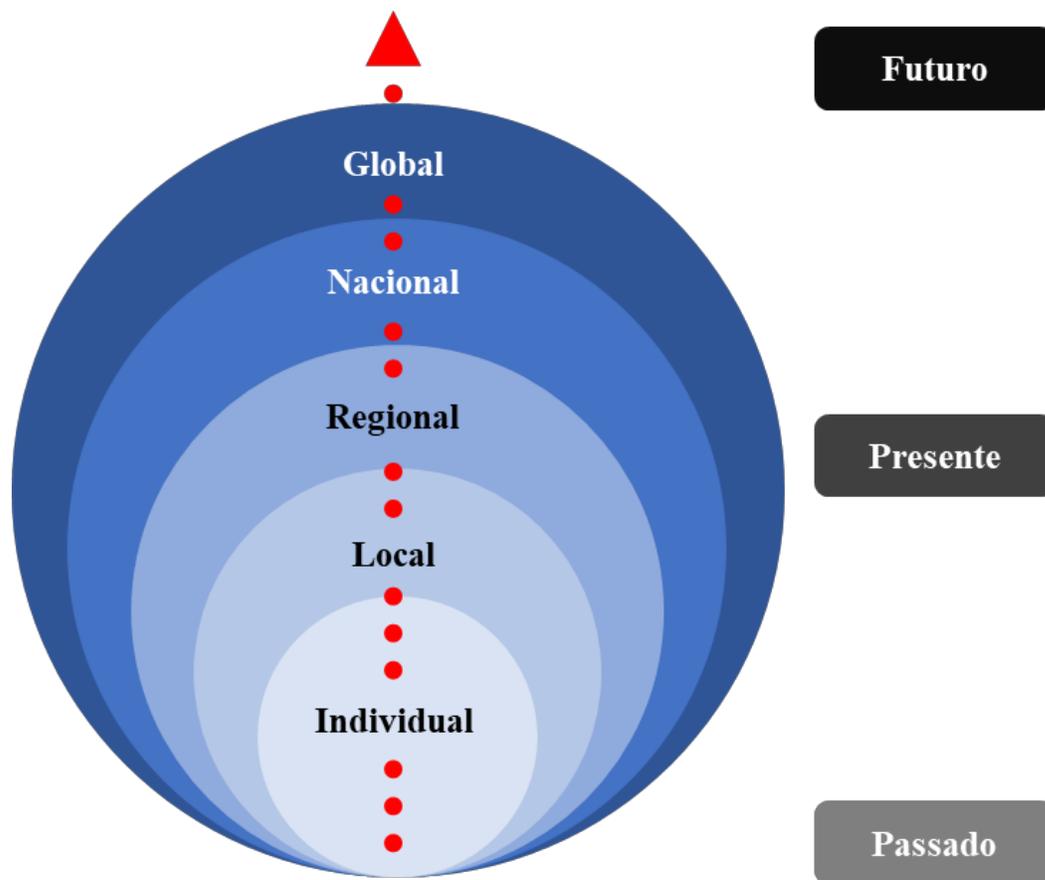
1.1.4. Educação Financeira no currículo das escolas brasileiras

A partir de 2010, com a criação da ENEF, pôde-se trabalhar em diversos aspectos do letramento financeiro, seja através da matemática financeira ou com áreas paralelas que tangessem ao ambiente socioeconômico como um todo. Então o ENEF propôs uma metodologia que além de ultrapassa o caráter multidisciplinar da Educação Financeira, também gera dimensões da realidade em que se atua a educação financeira.

A proposta feita pela ENEF foi baseada por uma equipe de pedagogos, psicólogos, sociólogos e especialistas em finanças, visando que as criança e os adolescente pudessem encontrar um material que fosse de fácil compreensão e que ao ler o material e se adequar a proposta pedagógica existente, ele se tornasse um agente que não

somente estava apto a plena cidadania financeira, mas também como agente multiplicador do seu contexto intertemporalmente (CONEF, 2013).

Figura 2 - Dimensões Espaciais e Temporais da Educação Financeira



Fonte: Adaptado de Associação de Educação Financeira do Brasil (2013).

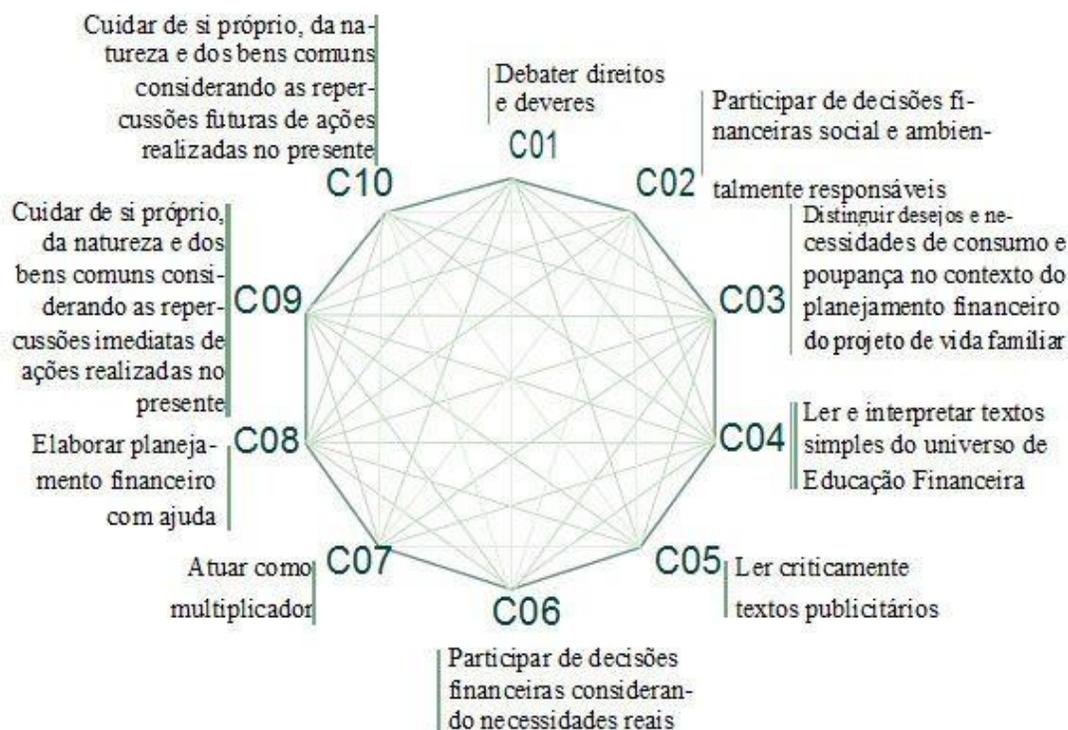
A ampliação da tomada de decisões do indivíduo através do tempo não somente cria uma perspectiva maior, como também fornece a capacidade de trabalhar o indivíduo em suas esferas de formação da ética como membro participante das comunidades local, regional, nacional e global, permitindo ao indivíduo uma consciência mais precisa das possibilidades das oportunidades e riscos que as escolhas que ele fará têm no momento atual e no futuro, tornando-o completamente responsável por si. A figura 3 reúne os sete objetivos pela multidimensionalidade da proposta da educação financeira.

Quadro 1 - Objetivos pedagógicos da ENEF por dimensionalidade

Dimensão Espacial	Dimensão Temporal
<p>Formar para a cidadania: direito de usufruir várias possibilidades que a vida oferece, tais como liberdade, igualdade, propriedade, participação política, educação, saúde, moradia, trabalho, dentre outras. O exercício da cidadania é ingrediente indispensável da construção de uma sociedade democrática e justa.</p>	<p>Ensinar a planejar a curto, médio e longo prazos: para se alcançar determinada situação, é necessário um planejamento envolvendo prioridades e renúncias que não seriam cogitadas pelo pensamento exclusivo do presente.</p>
<p>Ensinar a consumir e a poupar de modo ético, consciente e responsável: o consumo em níveis adequados é imprescindível para o bom funcionamento da economia, a questão é torná-lo uma prática ética, consciente e responsável.</p>	<p>Desenvolver a cultura de prevenção: é prudente planejar pensando nas intempéries da vida. Ninguém está isento de enfrentar situações adversas e inesperadas no dia a dia que, por vezes, exigem o dispêndio de uma quantidade de dinheiro não prevista no orçamento.</p>
<p>Oferecer conceitos e ferramentas para a tomada de decisão autônoma baseada em mudança de atitude: a compreensão da linguagem do mundo financeiro, através de um programa educativo, possibilita ao indivíduo obter as informações necessárias para que tome suas decisões de modo autônomo, independente.</p>	<p>Proporcionar possibilidade de mudança da condição atual: mobilidade social é entendida como a capacidade que uma família apresenta de aprimorar sua condição socioeconômica a partir de conhecimentos e competências oferecidos pela Educação Financeira.</p>
<p>Formar disseminadores: crianças e jovens que podem ajudar suas famílias na determinação de seus objetivos de vida, bem como dos meios mais adequados para alcançá-los.</p>	

Fonte: Adaptado de Associação de Educação Financeira do Brasil (2013)

Figura 3 - Decágono das competências que a ENEF coloca como fundamentais para a cidadania financeira plena.



Fonte: Associação de Educação Financeira do Brasil (2013)

2.1.1 Instituições Brasileiras na Educação Financeira

Nesta seção será falado sobre como as grandes instituições financeiras participam no processo de educação financeira, e se essa participação chega ao ambiente escolar. É importante destacar que as instituições mencionadas serão instituições financeiras, educacionais que são voltadas exclusivamente a educação financeira ou de defesa dos direitos do consumidor.

1.1.5. Instituições Financeiras no Brasil

O papel das instituições financeiras para a cidadania financeira é importante, pois servem como mediadoras para que os indivíduos e as empresas possam resolver seus problemas. As instituições financeiras são responsáveis por lidarem com a

movimentação monetária, através de quitação de débitos, acesso ao crédito ou para investimentos.

As preocupações com as flutuações econômicas após a crise financeira de 2008 aumentou e as instituições financeiras procuraram entender em essas crises impactam nos seus clientes virou regra nessas instituições. Muitas instituições fornecem suporte financeiro gratuito para os seus clientes para que os mesmos sejam capazes de se organizar, e algumas oferecem cursos avançados de finanças pessoais e empresarias e cursos de investimentos pagos.

Com a chegada do ENEF, muitas instituições públicas e privadas começaram a ser mais atuantes para a educação financeira, principalmente em termos de educação básica, produzindo parcerias voltados para o público juvenil, geralmente estudantes de ensino médio. No site dessas instituições você tem acesso a instruções com vídeos e materiais bibliográficos e links direcionando ao site do CONEF, visto a parceria que todas elas estabeleceram na formação da ENEF.

Instituições como o Bradesco e Santander foram os primeiros bancos a darem suporte aos seus clientes sobre finanças pessoais e investimentos, e com o maior destaque, outros bancos privados também foram aderindo ao programa de educação financeira para seus clientes.

1.1.6. Banco Central do Brasil

Como principal instituição financeira do país, o BCB, é também a que mais se preocupa com a educação financeira, uma vez que o BCB é quem gerencia toda a política monetária do país, e como o nível de conhecimento sobre finanças pessoais pode melhorar a situação do país, seja pela redução do endividamento ou o aumento do nível de poupança e investimentos gerais, o BCB procura sempre novas medidas para melhorar o contato com os indivíduos.

O BCB oferece suporte aos cidadãos brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil, além de terem acesso aos seus dados bancários e financeiros pelo Sistema do Banco Central (Sisbacen), ele também oferece suporte virtual para os usuários com

dicas de finanças pessoais no site Cidadania Financeira, e o BCB também oferece um curso online gratuito para direitos e deveres do consumidor.

1.1.7. B3

A B3, antiga fusão da Bolsa de Mercadorias e Futuros com a Bolsa de Valores de São Paulo (BM&F Bovespa), inicialmente criou um material didático virtual, que consiste em um livro que ensina do mais básico até nível intermediário em conhecimento de investimentos da bolsa de valores.

Posteriormente, criaram um site, o B3 Educacional, onde se encontra cursos gratuitos sobre alguns conceitos de investimentos até cursos pagos, que vão do mais básico ao avançado sobre todo o tipo de investimento existente na bolsa e cursos de finanças pessoais. Todo o material disponibilizado é online.

1.1.8. FEBRABAN

A FEBRABAN criou o Instituto FEBRABAN de Educação (Infi), que é uma plataforma digital que fornece diversos tipos de cursos online, E dentre esses cursos oferece também suporte à educação financeira vídeo aula esses cursos são pagos mais são parcerias com a ENEF. E também oferece suporte àqueles que desejam se tornar investidores, tendo uma melhor preparação para entrarem no mercado financeiro e assim poderem aplicar o seu dinheiro.

A FEBRABAN, a B3, a CNseg e ANBIMA criaram a AEF-Brasil, instituição que se tornou uma parceria da CONEF, e trabalha em prol da melhoria da cidadania financeira em todas as etapas da vida. A AEF-Brasil tenta levar ao ambiente escolar a educação financeira (OCDE, 2013, p. 73).

1.1.9. SERASA

O Serasa Experian criou o portal SERASA consumidor que é uma plataforma educacional para que as pessoas possam se desendividar e organizar as suas finanças pessoais. O portal do SERASA Suporte ao usuário deixe a como você consegue ajuda no site do SERASA, e também a como conseguir organizar as suas dívidas.

Também foi criado o SERASA na escola, que junto aos professores da rede básica de ensino, vem debater estratégias de finanças pessoais, direitos e deveres do consumidor e empreendedorismo. Segundo Savoia, Sato e Santana (2007, p. 1136) desde 2006, a Serasa tem uma cartilha virtual que fala sobre finanças pessoais, como evitar o endividamento e estratégias para conseguir limpar o nome.

1.1.10. PROCON

O Programa de Orientação e Proteção ao Consumidor (PROCON) também já desenvolvera atividades em prol da educação financeira em escolas, prezando para que crianças do Estado de São Paulo pudessem ter acesso maior a como fazer um consumo adequado, além de evitar situações desagradáveis tangendo aos direitos e deveres do consumidor.

O capítulo fora importante para explorar sobre como a educação financeira é abordada e toda a sua contextualização no Brasil, como uma maneira de exercer uma das esferas de sua cidadania. A necessidade do contexto brasileiro sobre cidadania aqui vem de que o letramento financeiro é a compreensão de como o indivíduo forma as suas escolhas ao longo do tempo e agente de sua comunidade. A educação financeira correta pode evitar situações desagradáveis, e que o próprio indivíduo seja capaz de se defender legalmente de pessoas de má fé.

3 O papel da internet na disseminação da Educação Financeira NO BRASIL

Neste capítulo será explorado como o impacto da internet como disseminador do conhecimento de educação financeira. Será explorado sobre as ferramentas que são disponibilizadas para o estudo e melhoria do letramento financeiro das pessoas.

3.1 Internet como ferramenta educacional

Segundo Almeida (2003, p. 329), a internet proporciona o rompimento de barreiras, uma vez que pode levar o conteúdo de sala de aula para fora da estrutura física e ao acesso da disponibilidade do estudante. A tecnologia digital pode permitir a utilização de recursos mais práticos, barateando o custo da educação à distância (EaD), ampliação rápida da rede de ensino e agilizando o processo de comunicação dos estudantes dessa modalidade.

Apesar da modificação na relação professor-estudante que haveria na sala de aula, o processo de ensino-aprendizagem ainda continua similar, em que o estudante tem o acesso do material, e irá tentar absorver, e conforme vá lendo o conteúdo poderá surgir dúvidas, que será perguntado ao professor – seja em uma aula individual ou uma sala de aula virtual (ALMEIDA, 2003, p. 332).

Com o tempo surgiu o processo de *e-Learning*, processo no qual há a interação entre as pessoas, mesmo que elas estejam simultaneamente acessando o mesmo conteúdo, e não há uma relação com professores, uma vez que o curso é baseado no aprendizado somente por conteúdos midiáticos, que foi facilmente aderido por grandes empresas que necessitam de capacitação para seus profissionais, pela sua flexibilidade e definição do próprio estudante no ritmo que gostaria de aprender os conteúdos. Entretanto, esse último pode desestimular as pessoas que necessitam de maior socialização durante o aprendizado (ALMEIDA, 2003, p. 333-334).

3.2 Educação Financeira na internet

Diversos sites disponibilizam cursos de educação financeira no Brasil e no mundo, muitos desses são voltados para inserir as pessoas em investimentos. A maior parte dos cursos sobre educação financeira na internet é feita pelo processo de *e-Learning*, muitas

das instituições (financeiras ou não) disponibilizam salas e materiais que levam as pessoas a terem pouca interação em educação financeira.

O CONEF criou uma plataforma em parceria com o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o BCB o site Vida e Dinheiro, que é a plataforma que contém todo o material de educação financeira voltado para crianças e adolescentes. O site tem livros, vídeo aulas e outras modalidades de aprendizado sobre controle de finanças e projeto de vida.

A B3 também tem um site somente voltado para a educação financeira, disponibilizando cursos rápidos de gestão de orçamento pessoal e introdução de investimentos e diversos cursos avançados pagos para a gestão de investimentos. Outras instituições financeiras também direcionam as pessoas a aprenderem a investir o seu dinheiro, através de conteúdo simples e prático e que tente incentivar os possíveis investidores a entrarem no mercado financeiro.

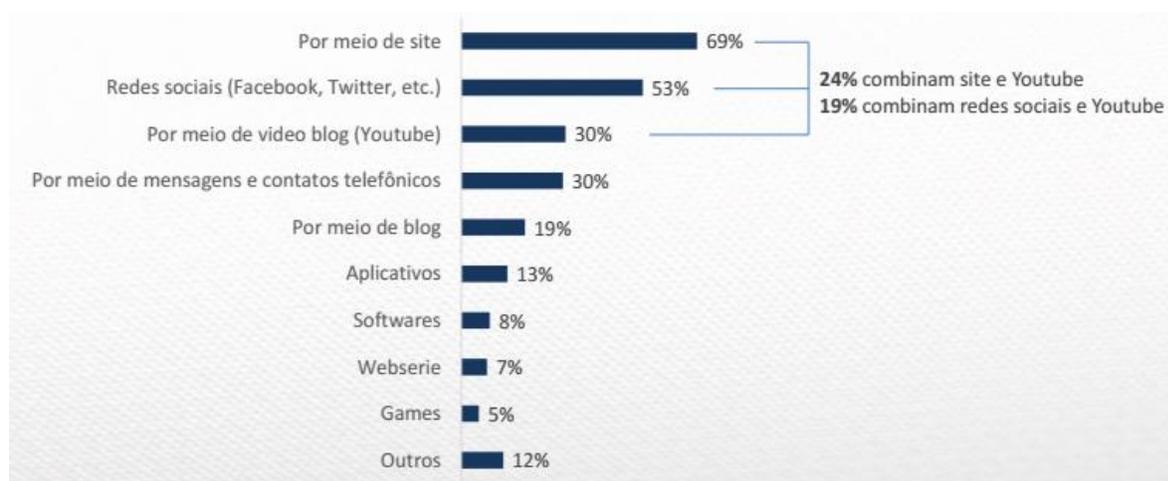
Em redes sociais que usam fotos e vídeo, como o Instagram e Youtube, é facilmente encontrado os *coachs* financeiros, que são palestrantes que abordam finanças e investimentos em suas palestras, e tentam trazer de forma cativante ao ouvinte o tema de educação financeira. Essas palestras são uma das formas de captar clientes, pois muitos acabam sendo também consultores financeiros.

No final de 2018, a plataforma virtual da ENEF passou a contar com o “Tá o\$\$\$”, um jogo virtual que coloca o jogador a tomar decisões que impactam no orçamento do personagem. O jogo vai desenvolvendo dicas para o público infanto-juvenil trabalharem os conceitos e a aplicação da educação financeira no dia-a-dia (CONEF, 2018).

Educação Financeira é uma disciplina puramente prática, e como comprovado pela OCDE (2005, p. 145), é preciso que haja uma continuidade do aprendizado por um longo período acompanhado de experiência prática, pois o conteúdo teórico acaba que gera somente um efeito momentâneo no interesse do indivíduo por finanças (FERNANDES, LYNCH JR; NETEMEYER, 2014, p. 28).

Muitas pessoas interessadas em educação financeira que não tiveram acesso ao conteúdo físico, são apresentadas a conceitos financeiros importantes por redes sociais. Como visto na Figura 5, é possível identificar que a grande maioria acessa a rede social de muitos influenciadores digitais (AEF-Brasil, 2018, p. 22) que fornecem conteúdo gratuito, atraente e que motiva as pessoas a pouparem e investirem.

Gráfico 1 - Iniciativas digitais mais acessadas por pessoas interessadas em educação financeira



Fonte: Associação De Educação Financeira Do Brasil (2018, p. 22)

Apesar de grande potencializadora nas relações de acesso ao conteúdo material, os cursos de gestão orçamentária e introdução a investimentos disponibilizados, muitas vezes são feitos por pessoas que leem os conteúdos, mas não garante a real vivência daquilo no dia-a-dia dos mesmos, tornando-se somente os cursos como propagadores de conteúdo, pois a vivência do conteúdo é mais importante ainda que o conteúdo em si, precisando revisar a sua metodologia proporcionar a melhor ensino-aprendizagem para os indivíduos.

4 **Análise de Dados**

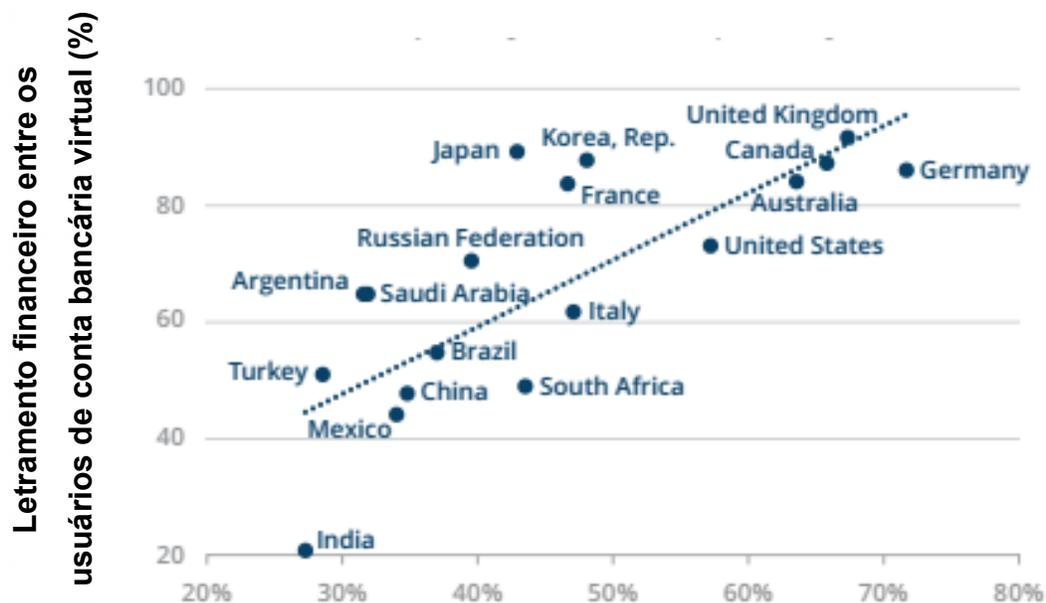
Neste capítulo, será discutido sobre os resultados colhidos que falam sobre o impacto de educação financeira na juventude e como isso afeta no curto prazo, que pode ser tomado como o rendimento escolar, uma vez que esse conteúdo é somente trabalhado no ensino médio; como também no longo prazo, como o contexto familiar e bem-estar pessoal.

Desde a criação da disciplina de Educação Financeira nos EUA, na década de 1980, vem-se investigando arduamente quais são os impactos existentes nos estudantes. Na época, os EUA visavam fazer uma disciplina que incentivassem os jovens a poupar, visto que tinham um baixo percentual do PIB poupado comparado a outros países desenvolvidos (DANES; HUDDLESTON-CASA; BOYCE, 1998, p. 27). Danes, Huddleston-Casa e Boyce (1998, p. 38) fizeram pesquisas com estudantes de ensino médio que cursaram a disciplina modificaram significativamente seu consumo, poupança, finanças bancárias e investimentos.

A OCDE fez diversas pesquisas entre os anos de 1997 e 2004 com estudantes de países desenvolvidos, e comparando os dados percebeu-se que os estudantes que têm maior renda também são detentores de melhor nível de letramento financeiro, e de interesse por situações corriqueiras do contexto econômico local e global, a principal razão apontada pelos pesquisadores da OCDE era de que esses indivíduos tinham um consumo mais complexo do que os mais pobres, e pretendia-se manter o padrão de consumo, logo buscavam melhores notas e habilidades para se inserirem no mercado de trabalho e pouparam mais (OCDE, 2005, p. 43).

Também fora constatado pelas pesquisas que os estudantes que tinham uma conta bancária mais cedo também tinham um grau de conhecimento financeiro mais elevado, pois a inclusão financeira do jovem permite que o mesmo seja mais capaz de administrar as suas finanças. Contudo, não o ato de ter somente uma conta bancária não garantia a melhoria do conhecimento financeiro, mas sim a capacidade do usuário conseguir entender o sistema bancário e fazer pleno uso e frequente de sua conta bancária (OCDE, 2005, p. 76-78).

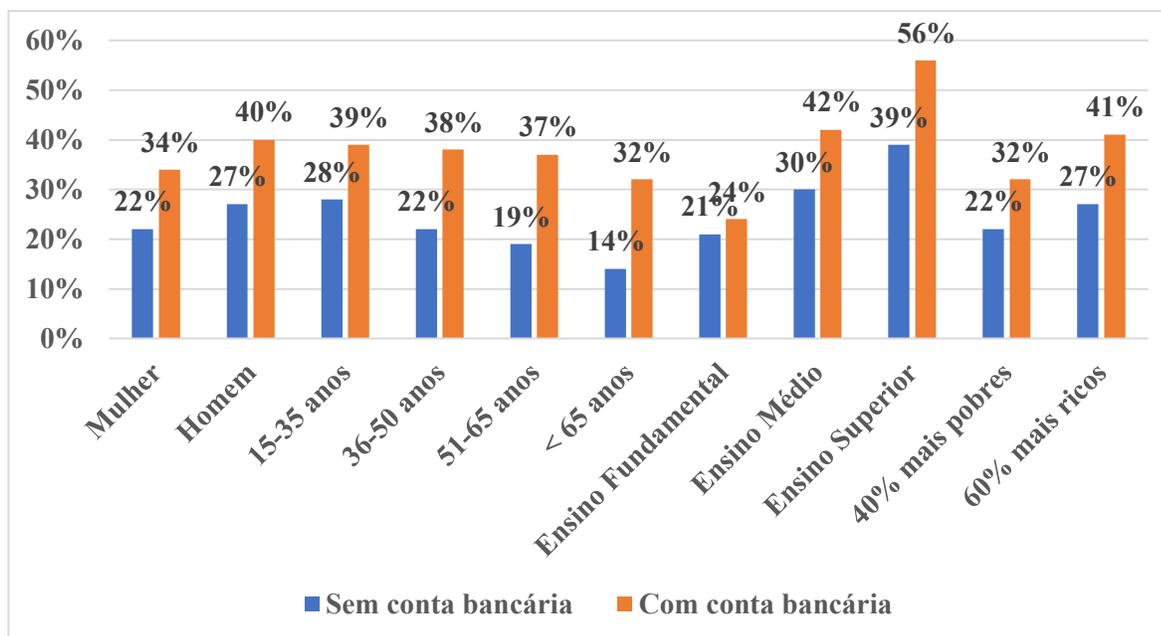
Gráfico 2 - Letramento Financeiro dos *Millenials* e o percentual dos mesmos que utilizam a conta bancária virtual



Letramento Financeiro entre os Millennials (pessoas entre 15 e 34 anos) (%)

Fonte: Traduzido de Lusardi e Oggero (2017, p. 10)

Gráfico 3 - Letramento financeiro e uso de contas bancárias no Brasil



Fonte: Traduzido de Lusardi (2015)

O IBGE fez uma pesquisa em 2008 visando mapear os saberes financeiros do brasileiro mediano através da Pesquisa de Orçamentos Familiares, e constatou que a maioria das famílias brasileiras tem uma certa dificuldade de equilibrar as finanças. Mavrinac e Ping (2004, p. 13) encontraram evidências de que o fato de ter uma renda baixa não é necessariamente a causa de ter um alto endividamento, mas a ausência de conhecimento financeiro que muitas vezes existe nas classes menos ricas da sociedade.

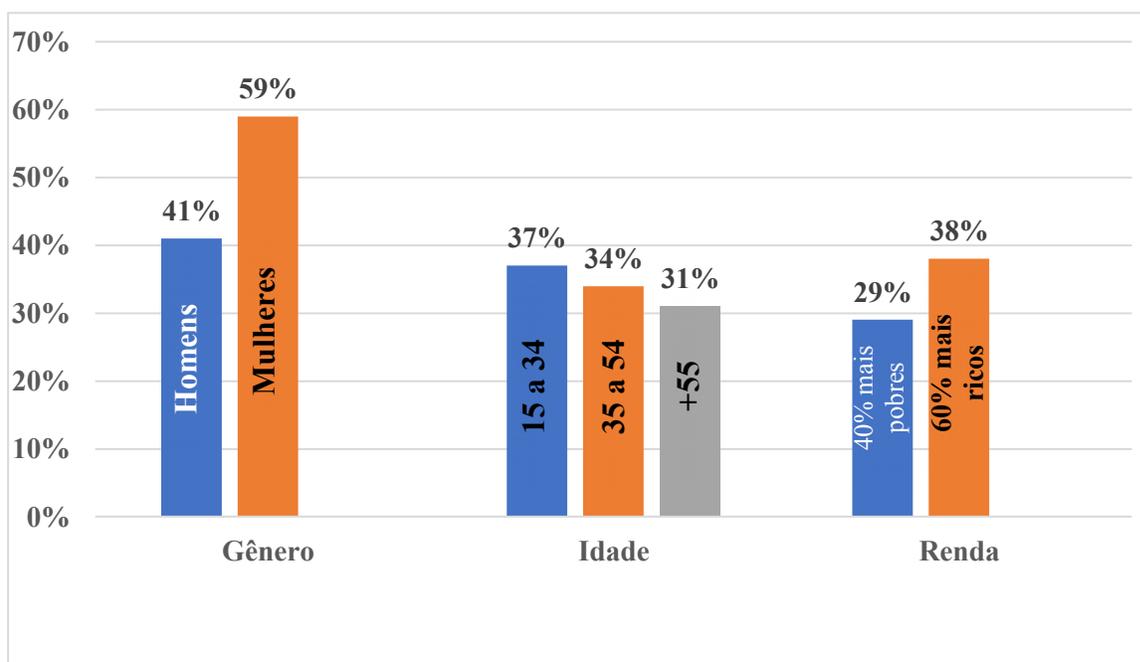
Bruhn et al. (2013, p. 10-11) com o apoio do Banco Mundial, buscaram uma parceria com vários órgãos, como o MEC e a CONEF para tentarem implementar um projeto escolar em que os estudantes no segundo para o terceiro ano do ensino médio. Ao se trabalhar com mais de 20.000 estudantes em escolas públicas em 6 estados de regiões diferentes, o projeto tentou entender como o material em larga escala afetaria as diferentes esferas da vida dos alunos: performance escolar, vida familiar e metas para o futuro. O projeto fora bem aceito pelos professores, uma vez que eles enxergavam que era de fácil compreensão mesmo para aqueles que nunca leram sobre educação financeira (BRUHN et al., 2013, p. 22).

Os responsáveis pelo projeto tentaram fazer uma reunião com os pais dos estudantes que estavam participando da amostra para mensurar o nível de educação financeira dos genitores. Houve pouca presença dos pais, e eles foram submetidos a dois workshops, que eram sobre finanças da família e saúde familiar, esse segundo com o objetivo de gerar um grupo de controle, que seriam sucedidos por um questionário de duas questões para saberem se os pais tinham algum conhecimento de educação financeira. Notou-se que 41% dos pais que participaram tinham muito baixo conhecimento em educação financeira (BRUHN et al., 2013, p. 12).

Em 2014, o *Global Financial Literacy Excellence Center* (GFLEC), fez uma pesquisa em diversos países, e buscou saber como os diferentes grupos de pessoas reagiam a educação financeira. Foi comparado principalmente os países emergentes e os países desenvolvidos. Fora constatado na pesquisa que os países desenvolvidos também são os países que contém um melhor desempenho de letramento financeiro (KAPPLER; LUSARDI; OUDHEUSDEN, 2015, p. 9).

Os dados da pesquisa relataram que o conhecimento básico sobre finanças é mais nítido em homens e jovens entre 15 e 34 anos, que estavam entre os 60% mais ricos do país na maioria dos países. Mesmo as mulheres tendo resultado inferior aos homens em letramento financeiro, era nítido que o reconhecimento do baixo conhecimento delas era muito maior do que entre os homens, e conseqüentemente elas demonstravam maior interesse em aprender (LUSARDI, 2015).

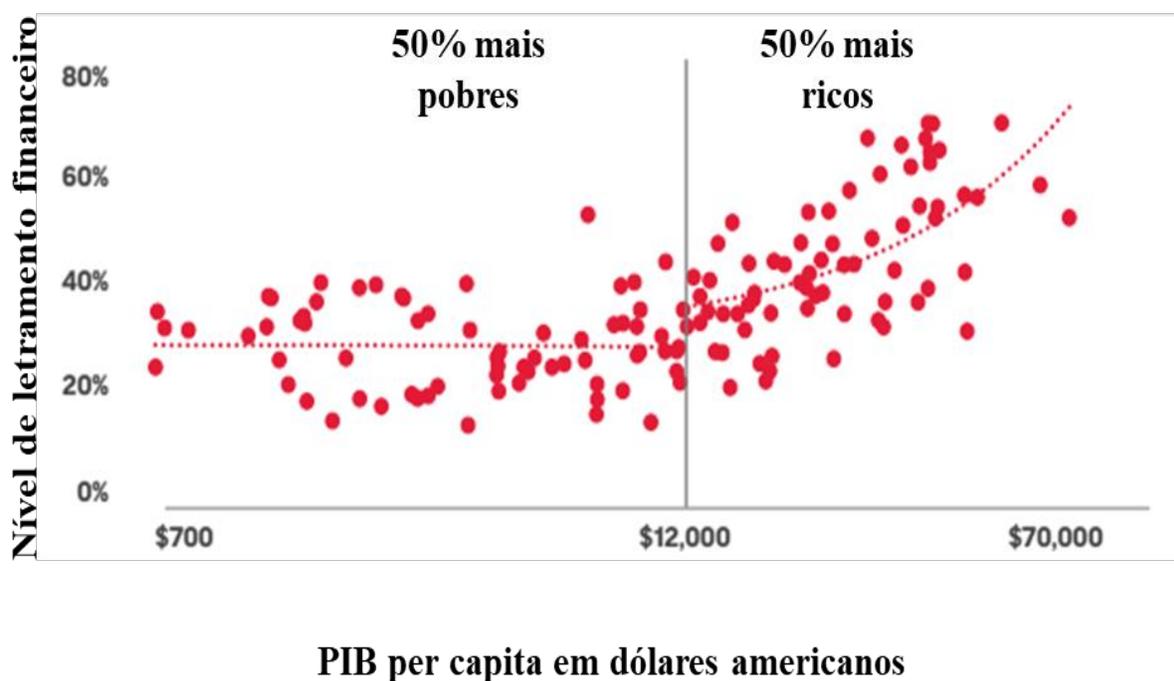
Gráfico 4 - Nível de letramento financeiro segundo a Standards & Poors em 2014 por grupo social no Brasil



Fonte: Traduzido de Lusardi (2015)

Alguns dados que também foram evidenciados pela pesquisa, mostraram que a renda está fortemente correlacionada com o conhecimento de educação financeira, mas também foi encontrado que países que tiveram uma hiperinflação no final do Século XX tiveram baixo desempenho de letramento financeiro na pesquisa (KAPPLER; LUSARDI; OUDHEUSDEN, 2015, p. 11).

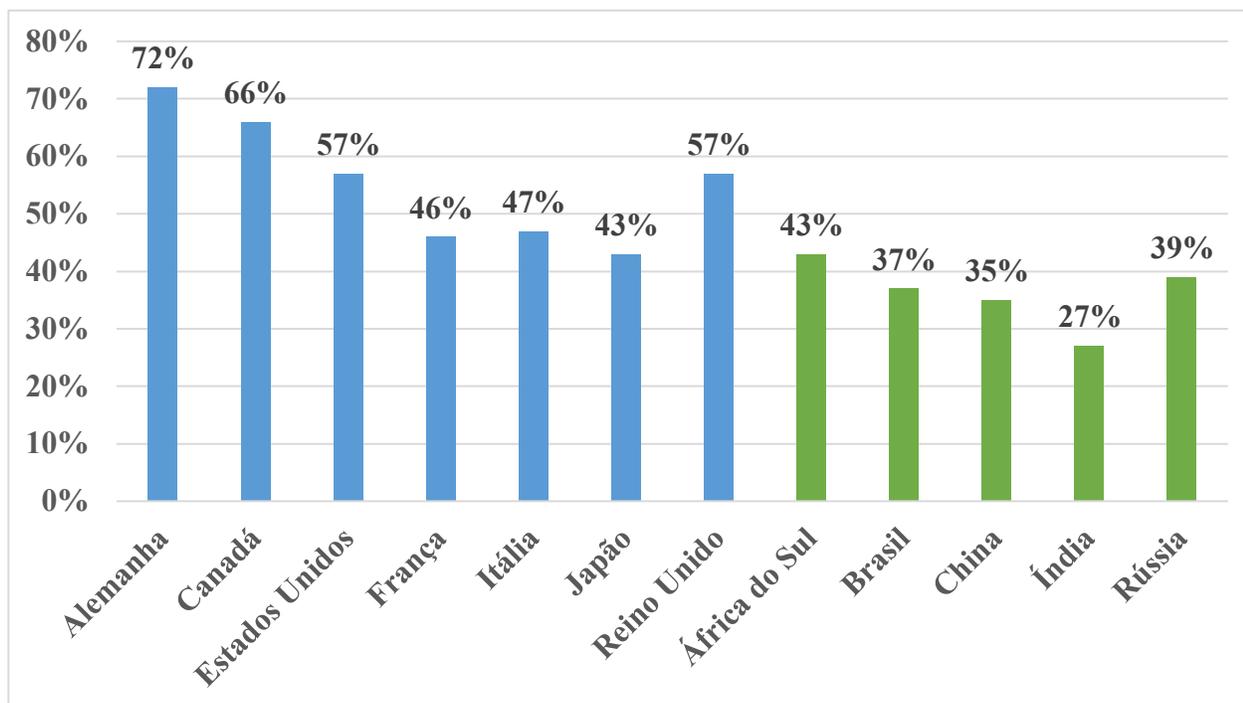
Gráfico 5 - Relação entre PIB per capita nacional e o nível de letramento financeiro da população



Fonte: Traduzido de Kappler, Lusardi e Oudheusden (2015, p. 9)

No Brasil, esse quadro também se confirma, mostrando valores parecidos com o da média mundial, e está na mediana entre os países dos BRICS, como mostrado na Figura 10 (LUSARDI; OGGERO, 2017, p. 8). A pesquisa aponta que cerca de 35% dos adultos eram capazes de responder somente três das quatro questões corretamente (LUSARDI, 2015). Os dados comprovaram que a necessidade de inclusão financeira é um catalizador para a melhoria da cidadania financeira do indivíduo.

Gráfico 6 - Percentual de letramento financeiro entre os principais países desenvolvidos e os países componentes do BRICS



Fonte: Traduzido de Lusardi e Oggero (2015, p. 8).

Diferentemente dos dados apontados em todas as pesquisas já existentes, há uma pesquisa de Fernandes et al. (2014, p. 32), que chega à conclusão de que a educação financeira nas escolas é algo que não tem um impacto muito grande quando comparado com pessoas que não tiveram essa disciplina, logo não vale a pena o investimento para inserir esse tipo de disciplina nas escolas.

Os autores de *Financial Literacy, Financial Education, and Downstream Financial Behaviors* fazem uma série de testes estatísticos e veem que a diferença entre os dados não é muito significativa, chegando à conclusão que muitos desses dados reportados em pesquisas existentes são frutos de manipulações estatísticas, então eles denominam que os programas de educação financeira não cumprem o que prometem, uma melhoria de longo prazo das finanças pessoais dos estudantes, mas uma intervenção pontual das finanças dos estudantes, que com o tempo tendem a esquecer e não conseguir mais cumpri-las. Os dados existentes comprovaram que existe uma melhoria significativa em

indivíduos que tiveram educação financeira durante a juventude, mas que era necessário haver uma continuidade, desde o final do ensino fundamental até a fase adulta (OCDE, 2005, p.174-175).

Para tentar mensurar os impactos causados por problemas financeiros, Archuleta, Dale e Spann (2013, 53-54) criaram a escala de ansiedade financeira, a FAS, e com vários estudantes de universidade, testaram se esses indivíduos que tiveram educação financeira no ensino médio estariam menos ansiosos com relação aos seus gastos. Os dados apontavam que era preciso fazer um acompanhamento maior, uma vez que caso não houvesse prática, as pessoas tenderiam a esquecer rapidamente o que fora estudado (OCDE, 2005, p. 145).

4.1 Impactos da Educação Financeira

Nesta seção, será abordado sobre os impactos de educação financeira dos jovens em suas diferentes esferas pessoais. A dinâmica existente para a educação financeira no contexto familiar e o planejamento necessário de médio e longo prazo, tais como aposentadoria e faculdade para os filhos, e o impacto da falta de educação financeira. No contexto escolar, como a produtividade escolar, acadêmica e produtiva dos indivíduos se relaciona com o grau de letramento financeiro do indivíduo.

A intenção inicial de educação financeira como disciplina obrigatória do ensino médio americano era aumentar a poupança dos indivíduos nos EUA, mas com o tempo também buscou a inclusão e melhor participação dos indivíduos no sistema financeiro. As pesquisas vêm sendo conduzidas buscando entender como o nível de letramento financeiro conduz a melhorias substanciais em outros aspectos da vida além do financeiro.

Tabela 1 - Austrália: Resumo demográfico dos quintis de cada informação e o desempenho em letramento financeiro

<i>Categoria demográfica</i>	<i>Nível 1-2 (Menor letramento) (%)</i>	<i>Nível 3-4 (%)</i>	<i>Nível 5-6 (%)</i>	<i>Nível 7-8 (%)</i>	<i>Nível 9-10 (Maior letramento) (%)</i>	<i>Total</i>
<i>Mulher</i>	24	22	21	18	15	100
<i>Homem</i>	8	16	20	24	32	100
<i>Até o ensino médio completo</i>	42	19	20	11	8	100
<i>Ensino Superior completo</i>	8	16	20	24	32	100
<i>Buscando emprego</i>	32	18	20	18	12	100
<i>Trabalhador não-qualificado</i>	40	21	20	12	7	100
<i>Trabalhador qualificado</i>	5	14	15	24	42	100
<i>Solteiro vivendo sozinho</i>	26	21	19	16	18	100
<i>Pai solteiro</i>	26	24	23	14	13	100
<i>Casado sem filhos</i>	14	16	20	22	28	100
<i>Entre 18 e 24 anos</i>	32	20	22	16	10	100
<i>Entre 45 e 59 anos</i>	13	19	20	21	27	100
<i>Acima dos 65 anos</i>	31	23	19	13	14	100
<i>Renda anual média domiciliar</i>	\$ 38.600	\$ 52.170	\$55.300	\$63.870	\$78.180	-
<i>Média de patrimônio total (excluindo o valor da casa)</i>	\$ 46.240	\$ 88.280	\$100.400	\$136.300	\$243.530	-

Fonte: Traduzido de OCDE (2005, p. 104)

Tabela 2 - Comparativo entre Coreia do Sul e Estados Unidos do nível de letramento financeiro por grupo

	COREIA (2003)		EUA (2000)	
	% dos estudantes	Nível médio	% dos estudantes	Nível Médio
	Renda dos pais			
Menos de \$20.000	9,2	40,6	12,9	46,3
De \$20.000 até \$39.999	32,5	46,6	21,9	52
De \$40.0000 até \$79.999	17,5	46,9	27,8	57,2
De \$80.000 a mais	14,3	46,3	14,7	55
Não se sabe	26	43,5	21,6	46,5
	Maior nível de educação dos pais			
Não concluiu ensino médio	5,5	39,7	12,7	47
Concluiu ensino médio	40,8	44,7	24,4	49,7
Ensino superior incompleto	7,4	44,5	24,8	53,8
Ensino superior ou mais	38,7	47,3	32	55,1
Não se sabe	7,1	42	5,6	45,5
	Planos sobre o nível educacional			
Sem curso superior	3,4	32,7	1,7	39,7
Curso superior de 2 anos	4,2	37,3	16,3	47,3
Curso superior de 4 anos	78,4	47	68,5	54,5
Outro tipo de curso/educação	6,1	39,1	8	46,3
Não se sabe	7,3	40,9	5,2	44,1
	Tipo de emprego almejado			
Trabalho manual	2,3	30,3	3,9	38,7
Trabalho qualificado	5,5	40,6	5,5	43,6
Trabalho em serviços	11,1	41,8	9,8	41,3
Trabalho em escritório	14,4	43,9	-	-
Trabalho profissional	50,5	46,7	61,6	55

Não se sabe/outros	15,3	44,6	18,6	49
	Renda esperada de emprego com jornada de trabalho plena			
Abaixo de \$15.000	1,9	34,9	3,6	40,6
De \$15.000 até \$19.999	13,2	46,3	7,4	41,7
De \$20.000 até \$29.999	47,4	47,6	21,8	53,4
De \$30.000 ou mais	29,3	24,3	51,2	54,4
Não se sabe	7,4	43,6	15,1	49

Fonte: Traduzido de OCDE (2005, p. 105)

4.1.1 Contexto Familiar

Na estrutura familiar, todas as decisões tomadas serão sentidas por todos os membros, e para evitar que haja alguma situação desconfortável, é necessário que haja um planejamento, mas há dados que mostram que pessoas que não tem um ótimo grau de letramento financeiro, preferem ficar em situações estressantes em consultórios médicos, a terem que fazer um planejamento de médio e longo prazo, como uma previdência privada, pois não têm o hábito de planejar e terminam utilizando um planejamento contingencial (MACFARLAND, 2003, apud OCDE, 2005, p. 38).

Esse planejamento pode ser fatal, uma vez que muitas famílias podem criar gastos insustentáveis no longo prazo, por não conseguirem calcular o risco existente, e quando encontram situações inesperadas podem começar a terem problemas com dívidas, que acarreta a problemas mais turbulentos. Esses problemas de desemprego e baixo salário, levariam ao endividamento que poderia aumentar as chances de divórcio, e outras situações que podem levar a divisão da unidade familiar (OCDE, 2005, p. 64). Ainda segundo a mesma pesquisa, estudantes coreanos que os pais obtiveram menor nota no exame de educação financeira tinham uma tendência a serem menos ambiciosos quanto a renda futura e tinham baixas pretensões profissionais (OCDE, 2005, p. 43).

O debate sobre educação financeira na família é bem controverso, mas para estudantes coreanos e americanos, o melhor lugar para se falar de finanças pessoais e planejamento de longo prazo, e assim poder começar o processo de inclusão financeira

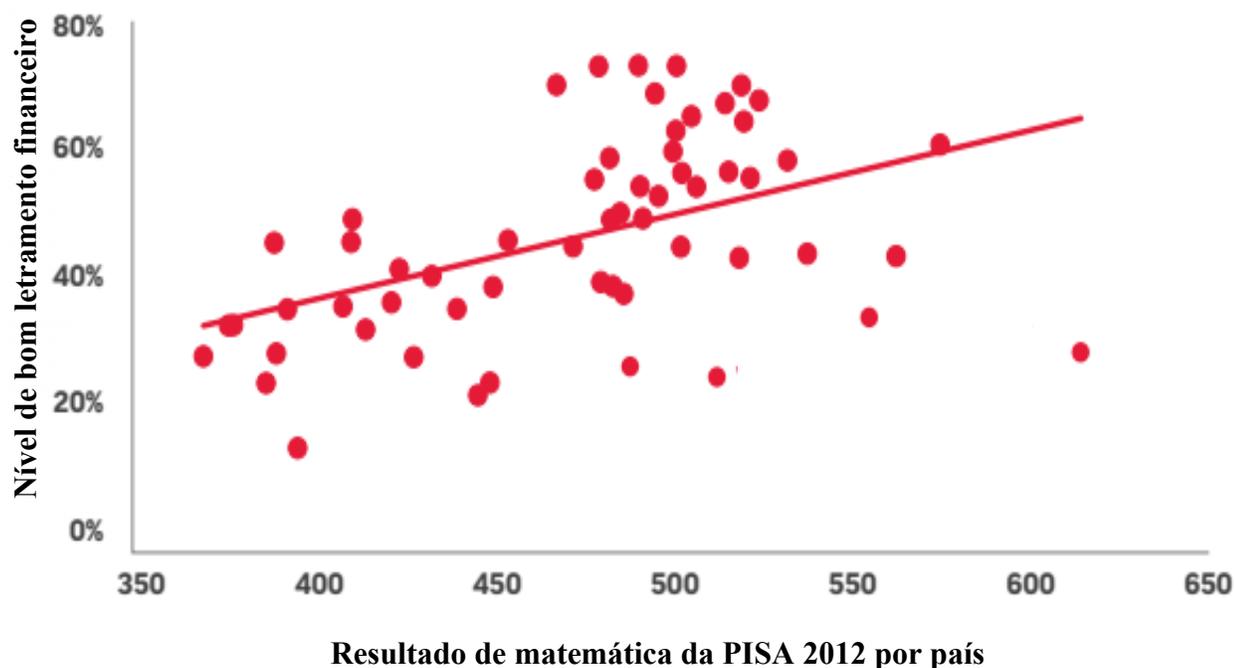
(OCDE, 2005, p. 100). Entretanto, na pesquisa feita por Bernheim, Garrett e Maki (1997, p. 7), somente 10% dos entrevistados disseram que esperam que seja abordado finanças pela família, e que a maioria espera que isso seja abordado no contexto escolar.

Os resultados dos testes aplicados por Bruhn et al. (2013, p. 21), mostravam que todos os membros da família eram afetados pela melhoria do conhecimento financeiro dos estudantes brasileiros. Nos exames entre o primeiro teste e o segundo, mostrou que a maior diferença entre os estudantes que tiveram acesso ao material de educação financeira e o grupo de controle é que os pais dos mesmos tiveram melhoras significativas no letramento financeiro, uma vez que o material aplicado tinham questões para serem trabalhadas em casa, e essa interação entre pais e filhos permitiu a melhoria em conjunto de toda a unidade familiar (BRUHN et al., 2013, p. 21-22).

4.1.2 Contexto Escolar

Por ser um dos ambientes mais propícios para que as pessoas tenham contato com o tema de finanças pessoais, a escola também é o lugar que os primeiros efeitos podem ser sentidos (BERNHEIM; GARRETT; MAKI, 1997, p. 7). Na pesquisa de Bruhn et al. (2014, p. 22-23), nas turmas que tiveram acesso ao material de educação financeira tiveram uma taxa de desistência 10% menor que o grupo de controle. Segundo Kappler, Lusardi e Oudheusen (2015, p. 15), jovens com melhor conhecimento financeiro também têm um melhor desempenho em matemática.

Gráfico 7 - Relação dos países entre o Índice de Letramento Financeiro da Standards & Poors e o resultado de matemática da PISA 2012



Fonte: Adaptada de Kappler, Lusardi e Oudheusen (2015, p. 15)

Em diversas pesquisas feita pela OCDE, foi encontrado que em países desenvolvidos o grau de educação financeira está fortemente correlacionado ao nível educacional do indivíduo. O grupo que detinha as maiores notas de educação financeira também eram o grupo que tinham ensino superior concluído (OCDE, 2005, p. 104). Os dados da Figura 11 mostram que as pessoas com maior grau de letramento financeiro são fortes candidatos a terem uma graduação.

Os dados vieram a ser corroborados pela pesquisa de Lusardi (2015), em que indivíduos de educação superior tinham em média 47,5% de conhecimento financeiro, o que se concluiu é que pessoas que tem maior grau de educação financeira têm uma necessidade de se especializar, para garantir maior chances de permanência no mercado e uma renda maior, permitindo capacidade de poupança.

4.1.3 Bem-Estar Pessoal

O impacto de um letramento financeiro considerado bom também traz benefícios no bem-estar pessoal do ser humano, como a própria definição de cidadania financeira, é verificado que quem tem bom conhecimento em finanças conseguem reduzir a chance de terem determinados problemas de saúde. No estudo de Kim, Garman e Sorhaido (2003, p. 80), eles buscam avaliar qual o impacto do estresse financeiro no bem-estar do indivíduo. Estresse financeiro é toda situação em que o indivíduo passe por problemas no gerenciamento de suas finanças e tenha que reduzir o seu consumo presente. Esse tipo de situação torna mais propenso a problemas de saúde e familiares, como divórcio, depressão, problemas do coração e redução na produtividade.

Os indivíduos que tem uma educação financeira maior tem uma preocupação com a sua qualidade de vida, então buscam melhorar sua produtividade, que leva a melhorar sua saúde fisicamente e psicologicamente (BRAUNSTEIN; WELCH, 2002, p. 452).

Segundo a OCDE (2005, p. 100-104), foi constatado com australianos, americanos e coreanos que as pessoas que tinham maior grau de educação financeira tinham também maior chances de estarem empregadas com um bom salário.

Em uma investigação, constatou-se que os problemas mentais estão fortemente relacionados ao endividamento, variando por gênero sobre quais dívidas preocupam mais, para as mulheres isso ocorre principalmente quando as despesas mensais familiares são superiores a renda, já para os homens é quando são incapazes de honrar suas dívidas com terceiros, tal como a hipoteca (TAYLOR; PEVALIN; TODD, 2006, p. 14).

Problemas financeiros podem ser também potencializadores de tendências autodestrutivas nos indivíduos, principalmente quando estes estão desempregados e não enxergam uma possibilidade de escape para o problema, muitas vezes se associando ao alcoolismo, jogos de azar, consumo de drogas e possivelmente tentativas de suicídio (CHEN et al., 2006).

Uma melhoria real do nível de letramento financeiro foi tema de muitas pesquisas para mensurar sobre como isso impactava o consumo dos indivíduos. O que se notou é

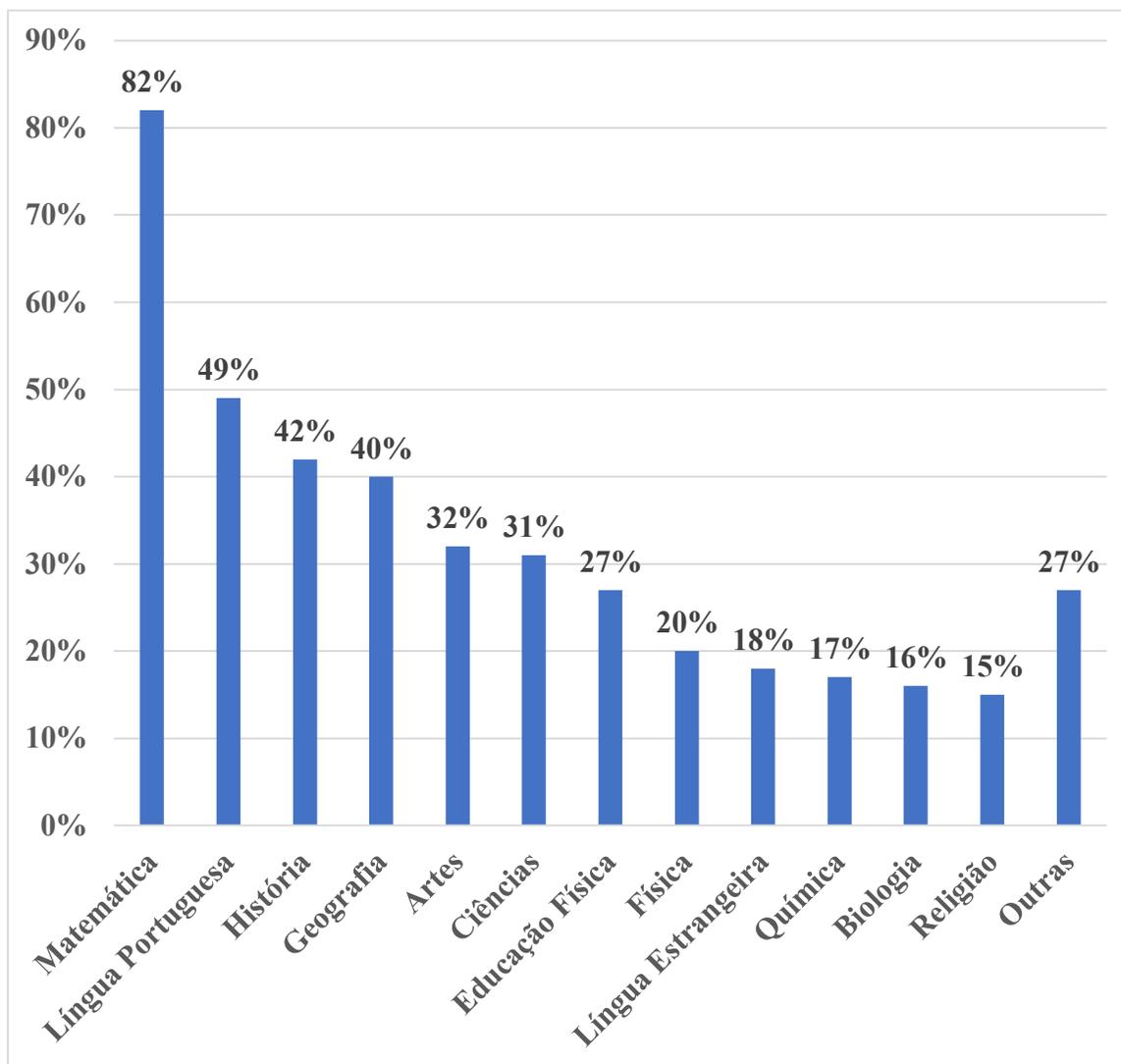
que na maioria delas houve uma mudança maior na capacidade dos indivíduos serem mais conscientes do seu consumo, comparando preços e sendo mais disciplinados quanto a tomada de decisões, reconhecendo o que realmente é necessário (BERNHEIM; GARETT; MAKI, 1997; MANDELL; KLEIN, 2009; URBAN et al., 2014).

4.2 Situação do ensino de Educação Financeira no Brasil

O Brasil propôs em 2010 um programa que visava implementar em diversas camadas da sociedade a melhoria do letramento financeiro. Porém, ao confrontar a realidade, há baixa participação das escolas, principalmente as escolas públicas, na realização de aulas e atividades de educação financeira.

Até 2013, a maior parte do conteúdo produzido pela CONEF para a educação financeira é gerado para cursos EaD, que a interesse da escola, devem ser matriculadas as turmas para receber o conteúdo em primeira mão. Para esses cursos EaD, a CONEF, através de uma parceria com a AEF-Brasil disponibilizou através de seu site um curso composto de vários módulos, e cada módulo vai abordando sobre uma das esferas espaciais se relacionando com todas as esferas temporais. Entretanto a CONEF tenta buscar parceiras que poderiam mudar essa realidade. Atualmente existem quase 7.300 projetos de Semana de ENEF, que normalmente são compostos por palestras e atividades por profissionais de matemática e do setor financeiro, e 304 projetos com selo ENEF em instituições de ensino, que conta com material didático em sala de aula e duram mais de uma semana (AEF-Brasil, 2017).

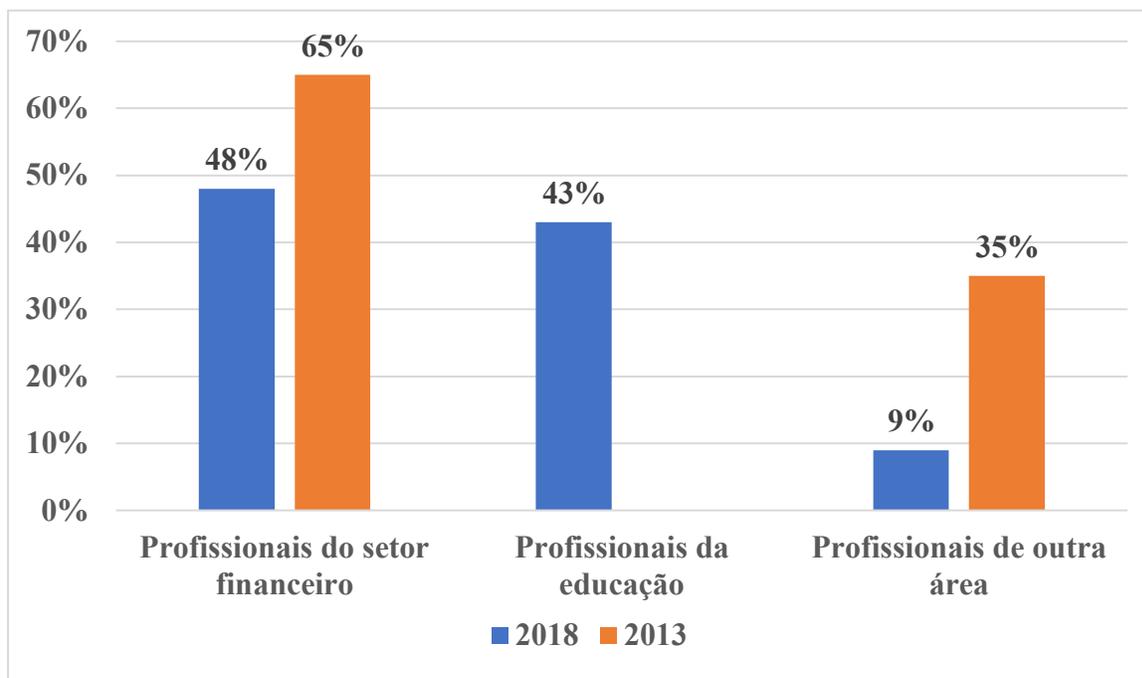
Na maioria das vezes o conteúdo de educação financeira é levado para as salas de aula através de profissionais de finanças, que estão vinculados a alguma instituição que faz parte da AEF-Brasil ou do setor público. Entretanto, houve um aumento nos últimos anos de docentes, principalmente na área matemática, que estão dispostos a levarem questões práticas de educação financeira para o dia-a-dia da escola, contando muitas vezes com projetos do CONEF ou da AEF-Brasil (AEF-Brasil, 2018, p. 31).

Gráfico 8 - Aulas em que são abordados conceitos de educação financeira

Fonte: Associação De Educação Financeira Do Brasil (2018, p.31)

As parcerias da ENEF ao longo de 5 anos conseguiram aumentar significativamente o número de estudos sobre educação financeira no país (AEF-Brasil, 2018, p. 11). Na figura 1, é importante notar que em 2013, os docentes eram catalogados como profissionais fora da área financeira, havendo um aumento significativo na participação desses em projetos com o selo ENEF em 2018.

Gráfico 9 - Origem dos profissionais envolvidos em projetos de educação financeira em escolas e outras instituições de ensino



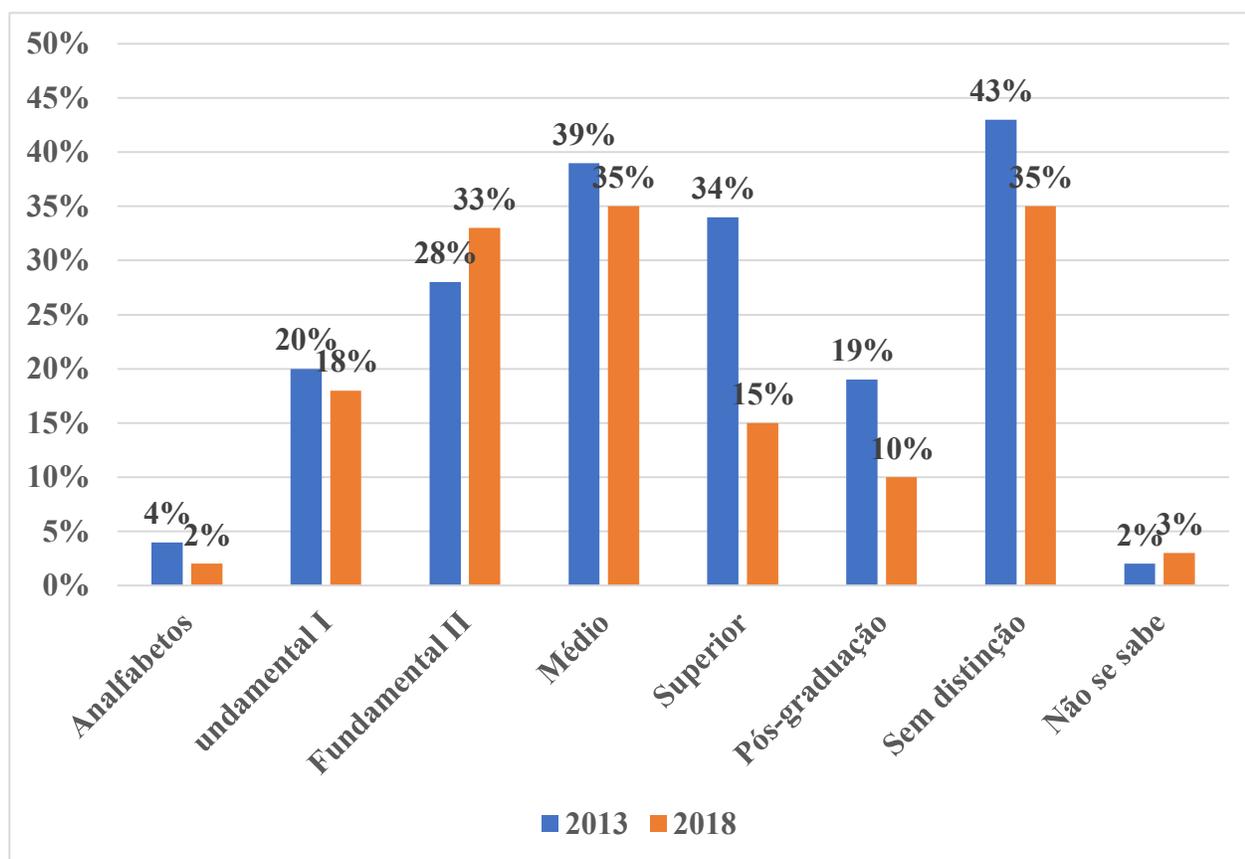
Fonte: Associação De Educação Financeira Do Brasil (2018, p. 11)

Com o aumento do número de professores engajados em temas como educação financeira, 48% desses sendo voluntários, pode-se identificar que houve uma participação mais ativa dos estudantes na modalidade presencial. Isso permite que os estudantes tenham melhor vivência e saibam lidar com os problemas propostos que simulariam situações reais.

Todo esse resultado se deu graças a CONEF buscando parcerias com grandes instituições financeiras que põem seus profissionais para estarem à disposição de fazerem palestras e cursos que levam educação financeira para o contato com a sala de aula (AEF-Brasil, 2018, p. 19). Isso permitiu que gradativamente, o conteúdo que fora produzido virtualmente conseguisse encontrar espaço em escolas e outras instituições de ensino. Atualmente, 60% dos projetos do ENEF são totalmente presenciais, enquanto em 2013 eram 48%.

Boa parte dos projetos que são oferecidos em educação financeira em escolas são voltados para o Fundamental II (de 6º ao 9º ano) e ensino médio, no qual fora produzido grande escala de material. Mas também há projetos em escolas que visam trabalhar problemas do dia-a-dia sem faixa etária. Entre 2013 e 2018, a participação de projetos de educação financeira em instituições de ensino superior caiu pelo forte avanço do ensino Fundamental II.

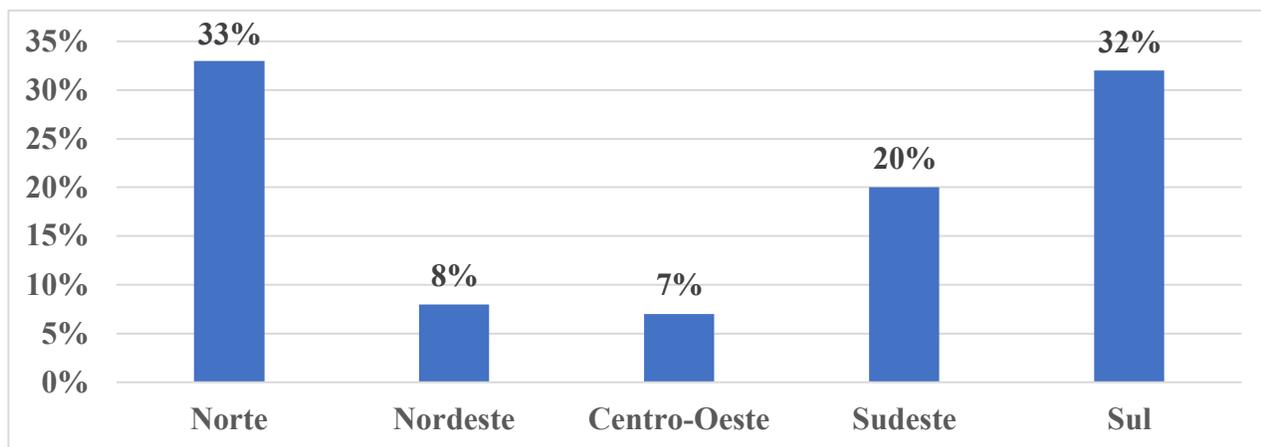
Gráfico 10 - Atuação dos projetos de educação financeira vinculados à ENEF por série escolar alvo



Fonte: Associação De Educação Financeira Do Brasil (2018, p. 42)

No Brasil, a maior parte dos projetos presenciais foram em escolas ou de instituições municipais. Já em termos regionais, a maior parte das escolas participantes de projetos de educação financeira foram da região Norte. E cerca de 70% das escolas da região Norte participantes foram do Tocantins.

Gráfico 11 - Participação das regiões brasileiras em projetos de educação financeira do CONEF e AEF-Brasil



Fonte: Associação De Educação Financeira Do Brasil (2018, p. 39)

Graças ao incentivo do governo, parcerias de grandes empresas e voluntários que trabalharam para o desenvolvimento de projetos, houve um aumento do número de projetos desde a criação do CONEF. Em muitos desses projetos houve financiamento governamental, principalmente em escolas públicas.

4.2.1 Gargalos da Educação Financeira no Brasil

Apesar do avanço, existe uma dificuldade muito notória na expansão das aulas de educação financeira a nível nacional. Segundo o relatório do ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL (2018, p. 19), a maior parte do conteúdo disponível para todas as escolas do país são online, e sem a vivência que levaria ao real aprendizado de educação financeira (OCDE, 2005, p.144-145).

Os problemas de infraestrutura estão entre os problemas enfrentados pelas escolas, mas o principal problema segundo Texeira (2015, p. 140) é o despreparo dos professores principalmente de matemática, que são vistos como os responsáveis para lecionar o conteúdo como matemática aplicada. Mesmo explicando a parte teórica, existe a necessidade de gerar atividades extraclasse que vão auxiliar a fixar o conhecimento para o melhor entendimento, e somente 31% dos professores que irão trabalhar esse conteúdo tem alguma formação na área (AEF-Brasil, 2018, p. 64).

Na pesquisa de Bruhn et al. (2013, p. 20) foi identificado que houve uma grande melhora no desempenho de todos os membros familiares, o que torna complicado uma vez que a formação dos docentes dessas áreas não os prepara para letrar financeiramente os estudantes.

Outro problema existente é que esses projetos muitas vezes não põem educação financeira como o elemento principal de seu conteúdo. Segundo o ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL (2018, p. 30), cerca de 58% das escolas participantes de projetos têm esse projeto como componente eletivo, e 20% do total têm participação de menos de 50% dos estudantes envolvidos.

Embora os envolvidos nos projetos de letramento financeiro com o selo ENEF estejam satisfeitos com o que aprenderam, muitos desses projetos não emitem certificado pela falta de monitoramento de seu real impacto (AEF-Brasil, 2018, p.65).

A existência de outros gargalos não é tida como relevante para ser mencionada, entretanto reconhece-se que no cenário atual, é preciso mudar principalmente a maneira como são formados os instrutores para uma formação mais completa dos estudantes.

5 Discussão dos dados

Ao final de toda a análise, conseguimos identificar a importância da educação financeira como um fator relevante tanto na juventude como ao longo prazo das pessoas. O tema abordado no trabalho encontrou uma grande quantidade de material existente, principalmente produzido internacionalmente. Entretanto, a produção e discussão na esfera dos estudantes de ensino médio sobre o tema não expandiu muito no Brasil. Sente-se uma falta muito grande de dados, mas principalmente da aplicação do conhecimento da educação financeira no Brasil.

O CONEF, em parceria com diversas instituições financeiras, conseguiu produzir uma grande gama de material didático, mas a existência desse material é de desconhecimento na maior parte dos casos, ou não consegue encontrar aplicabilidade nas escolas pela falta de uma estrutura que permita a aplicação.

E como fora desenvolvido no decorrer do trabalho, as pessoas que tem um maior grau de letramento financeiro, não precisam somente da teoria, mas também do desenvolvimento prático, e isso pode ser feito com a própria escola. Essa noção profunda de educação financeira é importante para que os jovens consigam se estruturar nos próximos anos de sua vida.

Essa estrutura é muito necessária uma vez que os jovens estarão entrando no ensino superior, que muitas vezes é feito em instituições privadas e começam a se endividar no longo prazo através de financiamento estudantil. Mesmo que enxerguem isso como forma de investimento em produtividade e conseqüentemente empregos melhores, não tira o fato de que parte da renda estará fortemente comprometida.

E também é nessa fase que os jovens estão começando a trabalhar, busca a sua própria independência financeira, mas caso não seja calculado isso, os jovens estão mais propensos a estarem assumindo um grande comprometimento de sua renda, que seria distribuída entre os gastos necessários, pagamento de dívidas e lazer.

Pela falta de planejamento e a não consideração do risco existente pelas oscilações econômicas e situações pessoais inesperadas que vão tomar parte de sua renda, leva a problemas financeiros pessoais muito grande. Isso torna os jovens mais

vulneráveis em caso de algum imprevisto, e em situações de crise econômica que aumente o desemprego, piora ainda mais a situação deste, pela falta de renda.

Fazendo a leitura do trabalho, o leitor consegue identificar que os problemas causados pelo endividamento cabem não somente os problemas no quesito orçamentário individual, mas afeta o seu meio familiar, uma vez que o jovem começará a sua vida sem os pais com grande parte de sua renda comprometida e que não permite usar a sua renda de forma eficiente.

Isso se deve ao jovem estar despreparado a fazer uma análise intertemporal do valor do seu dinheiro e de suas escolhas, o que muitas vezes levam a um ciclo vicioso de problemas, que se manifestam em diversas áreas: financeiros, acadêmicos, profissionais, pessoais, familiares, físicos e mentais.

Os mais jovens são vistos como uma geração entusiasmada, e eles acham interessante falar sobre investimentos, mas acham complicado e muitas vezes ficam chocados com os requisitos para começar a investir, e por isso acabam desistindo. Essas barreiras causadas pela falta de hábito de planejar, diferenciar o importante do supérfluo e o valor das coisas ao longo do tempo acaba os desestimulando.

E conforme isso se agrava, as pessoas perdem até a noção de que todo esse ciclo é retroalimentativo: uma vez que as pessoas estejam pouco interessadas em planejar e reduzir o seu risco, acabam que elas não prestam atenção em coisas significativas para a permanência delas no ganho de sua renda: a sua produtividade (MAVRINAC; PING, 2004, apud OCDE, 2005, p. 64). Porém, as pessoas que têm maior desempenho em letramento financeiro, também são as pessoas que estão melhores empregadas.

Conclui-se que o estresse financeiro que surge devido a qualquer que seja o fator, gera uma situação que tende a gerar um ciclo vicioso: as pessoas que não entendem o valor do seu orçamento, têm menor preocupação com a produtividade de sua renda, e conseqüentemente de sua produtividade, e aqueles que tem menor interesse em sua produtividade tendem a prestar menor atenção em sua saúde, e por não terem muitas

vezes planos alternativos para uma crise inesperada, tendem ao superendividamento, que leva a criação de outros problemas de saúde.

Quando o risco não é calculado e ocorrem imprevistos que colocam o sujeito frente a uma dívida que ele não conseguirá pagar sozinho, começam a surgir problemas de ordem familiar e pessoal, que levarão a problemas psicológicos, que voltam a acometer a produtividade (MAVRINAC; PING, 2004, apud OCDE, 2005, p. 64). Obrigando a trabalharem por um valor menor por terem a sua produtividade reduzida.

O efeito de longo prazo da tendência ao superendividamento e da incapacidade de planejar e de medir riscos torna com que as metas de vida para as gerações futuras se tornem mais simples, almejando empregos de menor remuneração e tendo perspectivas menos amplas quanto ao projeto de vida.

E encontra-se no decorrer do trabalho que uma base familiar estável tende a trabalhar no próprio seio familiar a resolução dos problemas financeiros e bancários, além de que as pessoas estejam mais estimuladas a investirem. Então famílias mais sólidas, e de maior renda tendem a levar as pessoas a terem uma cidadania financeira plena, evitando constrangimentos e situações desagradáveis.

Devido ao efeito cascata que o letramento financeiro tem, é possível enxergar que as pessoas que tem maior grau de conhecimento sobre as suas próprias finanças também são as pessoas que tenderão a suceder melhor situação ao longo da vida, uma vez que se preparam para a aposentadoria e os problemas da velhice desde jovem. E isso tende a ser um fator perpetuador de que o domínio de suas próprias finanças e autonomia plena proporcionam ao indivíduo.

Então visto que a educação financeira acaba sendo também reflexo de sua origem, também pode ser uma válvula de escape no longo prazo para muitos problemas e até resultado de superação de vida. Os mesmos fatores que demonstram que as pessoas que contém capacidade de planejar e administrar o dinheiro, mesmo sob as condições mais adversas, e conseguirem não entrarem na faixa dos superendividados, tendem a ter sucesso no longo prazo, independente da renda (MAVRINAC; PING, 2004,

p. 13). O que flexibiliza ao longo do tempo para que haja ascensão de classe, mesmo que a mesma seja complicada.

Quando comparamos os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento, em que os países desenvolvidos estão próximos aos 50% dos *millenials* entrevistados com bom grau de letramento financeiro, principalmente os países nórdicos e anglo-saxônicos, que giram entorno dos 60%, tendo países que chegam a mais de 70% (KAPPLEN; LUSARDI; OUDHEUSDEN, 2015, p. 23-25).

Já os países em desenvolvimento têm uma média de pouco mais de 30%, a média mundial é de 35%, quando se coloca somente os BRICS, temos países com resultados muito diferentes entre si, em que a África do Sul, que teve forte colonização anglo-saxônica tem um resultado próximo aos dos países desenvolvidos, mas a Índia, ex-colônia da Inglaterra, tem um resultado baixo, o que leva a crer que o PIB per capita influencia também no desempenho (LUSARDI; OGGERO, 2017, p. 6). O Brasil está bem próximo da média mundial em termos de pessoas com ótimo grau de letramento financeiro, aproximadamente 35% entre as pessoas de 15 a 34 anos (LUSARDI, 2015).

5.1 Educação Financeira nas escolas do Brasil

Em termos de como a educação financeira é avaliada no Brasil, os testes mostram que existem boas propostas de programas de educação financeira no país, mas quando se fala na aplicação prática, é muito raro encontra uma mobilização real e efetiva do governo para a disseminação de educação financeira no país. O máximo que as escolas de ensino médio brasileiras estão preparadas para lidar com letramento financeiro é o cálculo de juros, deixando de abranger a maioria das competências do conhecimento financeiro.

Os estudos mostraram como o impacto no curto prazo de propostas de levar educação financeira ao dia-a-dia do estudante, como tarefas de casa com os pais, gerando um efeito multiplicador na própria vida dos familiares do estudante. Os efeitos positivos do acompanhamento de educação financeira por 17 meses permitiram que os estudantes tivessem mais interesse por matemática e pela conclusão do ensino médio,

visto que tiveram menor desistência comparado às turmas que não tiveram o material (BRUHN et al., 2013, p. 22-23).

A conclusão que esse trabalho chega é que a realidade brasileira está mudando muito rápido, só que o sistema educacional não está conseguindo acompanhar e preparar esses jovens para a realidade que eles encontrarão, e devido as fortes mudanças que vem ocorrendo na economia, as gerações anteriores também estão fortemente despreparadas, o que mostra-se nos resultados de baixo desempenho de letramento financeiro (KAPPLER; LUSARDI; OUDHEUSDEN, 2015, p. 13).

A necessidade do debate se faz mais importante que nunca, uma vez que as medidas atuais políticas demonstram que o indivíduo terá sua autonomia e independência maior, o que leva a também maior peso de suas atitudes.

6 Conclusão

Visto o cenário atual no mundo e no Brasil, percebe-se que as políticas públicas, por melhor que sejam elaboradas as suas metodologias, não estão conseguindo atingir de maneira eficiente a população. Pois há uma necessidade de se trabalhar de maneira mais longa com uma aplicação prática com o acompanhamento profissional para lidar com a complexidade do mundo financeiro moderno desde o Ensino Fundamental II.

O hiato de tempo que há entre a popularização de produtos financeiros, mudanças no contexto econômicos e a sua chegada às bases educacionais ainda faz com que uma geração saia da esfera educacional e parta para o mercado despreparado e totalmente incapaz.

No Brasil isso ainda é pior, pois além do intervalo de tempo que há entre a popularização dos produtos financeiros e às mudanças nas bases educacionais, ainda há bastante dificuldade no acesso das escolas a essas metodologias e ferramentas explica um percentual de pessoas letradas financeiramente comparado aos países desenvolvidos.

Frente aos novos desafios que a juventude enfrentará ao longo de sua vida e as rápidas transformações socioeconômicas que estão sendo vistas exigem um preparo contínuo que deve começar cedo em suas vidas. É dever das instituições de ensino e das famílias zelar pela transmissão de conhecimento de cidadania financeira que cada vez mais é vital para a sobrevivência na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, v.29, n.2, p. 327-340, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2> >. Acesso em: 29 abr. 2019.
- ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL. **Proposta Pedagógica da ENEF**. 2014. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/proposta-pedagogica/>>. Acesso em: 01 abr. 2019.
- _____. **Mapeamento de iniciativas de Educação Financeira Abril/2018**. 2018. 65 slides. Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Mapeamento_2018.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- _____. **Tá O\$\$O**. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/ta-osso/>>. Acesso em: 29 abr. 2019.
- ARAUJO, Fernando Conzeza; CALIFE, Flavio Estevez. **A história não contada da Educação Financeira no Brasil**. 2014. Disponível em: <<https://www.boavistaservicos.com.br/wp-content/uploads/2014/08/A-historia-nao-contada-da-educacao-financeira-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2019.
- ARCHULETA, Kristy L.; DALE, Anita; SPANN, Scott M. College Students and Financial Distress: Exploring Debt, Financial Satisfaction, and Financial Anxiety. **Journal of Financial Counseling and Planning**, EUA, v. 24, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1043230.pdf> >. Acesso em: 23 fev. 2019.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Brasil: implementando a estratégia nacional de educação financeira**. Brasília: Banco Central do Brasil, 2013. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/Estrategia_Nacional_Educacao_Financeira_ENEF.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- _____. **Série Cidadania Financeira: Estudos sobre Educação, Proteção e Inclusão** Brasília: Banco Central do Brasil, ed. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?cidadaniafinanceira>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

_____. **O que é Cidadania Financeira?** Definição, papel dos atores e possíveis ações. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/Nor/reincfin/conceito_cidadania_financeira.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

BEAL, Diana J., DELPACHITRA, Sarath B. Financial literacy among australian university students. **Economic Papers: A journal of applied economics and policy**, v. 22, n. 1, p. 65-78, 2003. Disponível em: <https://eprints.usq.edu.au/3432/2/Beal_Delpachitra_2003_AV.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2019.

BECCHETTI, Leonardo; CAIAZZA, Stefano; COVIELLO, Decio. Financial education and investment attitudes in high schools: evidence from a randomized experiment. **Applied Financial Economics**, v. 23, n. 10, p. 817-836, 2013. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09603107.2013.767977>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

BERNHEIM, B. Douglas; GARRETT, Daniel M.; MAKI, Dean M. Education and Saving: The Long-Term Effects of High School Financial Curriculum Mandates. **Journal of public Economics**, EUA, v. 80, n. 3, 1997. Disponível em: <<https://www.nber.org/papers/w6085.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

BERNTHAL, Matthew J.; CROCKETT, David; ROSE, Randall L. Credit Cards as Lifestyle Facilitators. **Consumer Research**, v. 32, n.1, p. 130-145, 2005. Disponível em: <https://scholarcommons.sc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=sem_facpub>. Acesso em: 23 fev. 2019.

BEZERRA, Jocélio Bento. **Letramento Financeiro: um estudo com graduandos da UFRN**. Natal: 2018. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/8100/1/LetramentoFinanceiro_Bezerra_2018.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Brasil no PISA 2015**: Análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

BRAUNSTEIN, Sandra; WELCH, Carolyn. Financial Literacy: An Overview of Practice, Research, and Policy. **Federal Reserve Bulletin**, n. 88, p. 445-457, 2002. Disponível em: <<http://www.federalreserve.gov/pubs/bulletin/2002/1102lead.pdf> >. Acesso em: 16 abr. 2019.

BRUHN, Miriam et al. The Impact of High School Financial Education: Experimental Evidence from Brazil. **Policy Research Working Paper**: EUA, dez. 2013. DOI: <<https://doi.org/10.1596/1813-9450-6723> >. Disponível em: < http://www-wds.worldbank.org/servlet/WDSContentServer/WDSP/IB/2013/12/12/000158349_20131212094211/Rendered/PDF/WPS6723.pdf >. Acesso em: 18 abr. 2018.

CHEN, Erick Y. H. *et al.* Suicide in Hong Kong: a case-control psychological autopsy study. **Psychological Medicine**, v. 36, n. 6, p. 815-825, 2006. Disponível em: <<https://hub.hku.hk/bitstream/10722/46949/1/121230.pdf?accept=1>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA. **Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio**: Bloco 1. Brasília: CONEF, 2013. Disponível em: <<https://issuu.com/edufinanceiranaescola/docs/livro-aluno-bloco1?e=11624914/49399073>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

_____. **Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio**: Bloco 2. Brasília: CONEF, 2013. Disponível em: < <https://issuu.com/edufinanceiranaescola/docs/livro-aluno-bloco2?e=11624914/13891016>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

_____. **Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio**: Bloco 3. Brasília: CONEF, 2013. Disponível em: < <https://issuu.com/edufinanceiranaescola/docs/livro-aluno-bloco3?e=11624914/49399054>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

COUTINHO, Cileda de Queiroz e Silva. Letramento Financeiro: Um Diagnóstico de Saberes Docente. **REVMAT**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p.1-22, 2015.

DOI:<<http://dx.doi.org/10.5007/1981-1322.2015v10n2p1>>. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/download/1981-1322.2015v10n2p1/31142> >. Acesso em: 16 mar. 2019.

DANES, Sharon M.; HUDDLESTON-CASA, Catherine; BOYCE, Laurie. Financial Planning Curriculum for Teens: Impact Evaluation. **Journal of Financial Counseling and Planning**, EUA, v. 10, n. 1, p. 26-39, 1999. Disponível em:

<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.503.9761&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

DENTREA, Patricia; LAVRAKAS, Paul J. Over the limit: the association among health, race and debt. **Social Science & Medicine**, v. 50, n. 4, p. 517–529, 2000. Disponível em:

<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.410.5751&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

DWYER, Rachel E.; MCCLOUD, Laura; HODSON, Randy. Youth debt, mastery, and self-esteem: Class-stratified effects of indebtedness on self-concept. **Social Science Research**, EUA, v. 40, n. 3, 27 ago. 2010. DOI:

<https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2011.02.001>. Disponível em:

<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0049089X11000299>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

DECRETO 7.397 de 2010. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm> .

Acesso em 23 out. 2016.

ELDER JR., Glen H. Time, Human Agency, and Social Change: Perspectives on the Life Course. **Social Psychology Quarterly**, v. 57, n. 1, p. 4-15, 1994. Disponível em:

<[http://links.jstor.org/sici?sici=0190-](http://links.jstor.org/sici?sici=0190-2725%28199403%2957%3A1%3C4%3ATHAASC%3E2.0.CO%3B2-K)

[2725%28199403%2957%3A1%3C4%3ATHAASC%3E2.0.CO%3B2-K](http://links.jstor.org/sici?sici=0190-2725%28199403%2957%3A1%3C4%3ATHAASC%3E2.0.CO%3B2-K)>. Acesso em:

23 fev. 2019.

FERNANDES, Daniel; LYNCH JR., John G.; NETEMEYER, Richard G. Financial Literacy, Financial Education, and Downstream Financial Behaviors. **Management Science**, v. 60, n. 8, p. 1861-1883, 2014. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/profile/Daniel_Fernandes6/publication/259763070_Financial_Literacy_Financial_Education_and_Downstream_Financial_Behaviors/links/54ad6dc30cf2213c5fe3f890/Financial-Literacy-Financial-Education-and-Downstream-Financial-Behaviors.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2019.

FREIRE, Paulo. **A alfabetização como elemento de formação da cidadania**. São Paulo, 1987. Disponível em:

<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/1028/3/FPF_OPF_06_007.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2019.

IBGE. **PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 11,8% no trimestre encerrado em agosto de 2016**. Disponível em :

<<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias.html?view=noticia&id=1&idnoticia=3269&busca=1&t=pnad-continua-taxa-desocupacao-11-8-trimestre-encerrado-agosto-2016>>. Acesso em: 07 out. 2016.

KAPPLER, Leora; LUSARDI, Annamaria; OUDHEUSDEN, Peter Van. **Financial Literacy Around the World**: insights from the S&P global finlit survey. Banco Mundial: EUA, 2015. Disponível em: <http://www.openfininc.org/wp-content/uploads/2016/04/2015-Finlit_paper_17_F3_SINGLES.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2019.

KIM, Jinhee; GARMAN, E. Thomas; SORHAINDO, Benoit. Relationships Among Credit Counseling Clients' Financial Well Being, Financial Behaviors, Financial Stressor Events, and Health. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 14, n. 2, p. 75-87, 2003. Disponível em:

<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.334.1804&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, O. The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence. **Journal of Economic Literature**, v. 52, n. 1, p. 5-55, 2014.

Disponível em: < <https://www.nber.org/papers/w18952.pdf>>. Acesso em: 13 de mar. 2019.

LUSARDI, Annamaria; OGGERO, Noemi. **Millennials and Financial Literacy: A Global Perspective**. EUA: GFLEC, 2017. Disponível em: <<https://gflec.org/wp-content/uploads/2017/05/Millennials-and-Financial-Literacy-Research-Paper.pdf?x37611>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

LUSARDI, Annamaria. **Seminar on child and youth financial education Rio, Brazil**. Rio de Janeiro, 2015. 50 slides. Disponível em: <<https://gflec.org/wp-content/uploads/2015/12/Lusardi-Presentation-ChildYouth-Rio.pdf?x53159>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

MANDELL, Lewis; KLEIN, Linda Schmid. The Impact of Financial Literacy Education on Subsequent Financial Behavior. **Financial Counseling and Planning**, v. 20, n. 1, p. 15-24, 2009. Disponível em: < <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ859556.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

MAVRINAC, Sarah; PING, Chin Wan. **Financial Education for Women in Asia Pacific**. Singapura: INSEAD, 2004. Disponível em: <<https://poseidon01.ssrn.com/delivery.php?ID=743026093126099113080090126121122066037017048084024017014106075023103022031077102024041053042031049004119120084097092067081116083037039040018012100007064107040092020082100110086104067075021104066113089089124086065090102090008092084099007013081&EXT=pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

MEC. **PCN ensino médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais, ciências da natureza, matemática e suas tecnologias**. Brasília: 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasNatureza.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

OCDE. **Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies**. Paris: OECD Publishing, 2005. DOI: <<https://doi.org/10.1787/9789264012578-en>>. Disponível em:

<https://read.oecd-ilibrary.org/finance-and-investment/improving-financial-literacy_9789264012578-en#page27>. Acesso em: 30 mar. 2019.

_____. **Advancing National Strategies for Financial Education**. Paris: 2013. Disponível em: <<http://en.g20russia.ru/load/782248073> >. Acesso em: 26 mar. 2019.

_____. **Brasil no PISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros**. São Paulo: Fundação Santillana, 2016. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf >. Acesso em: 22 mar. 2019.

_____. **PISA 2015 Results: Students' Financial Literacy**. Paris: OECD Publishing, v. IV, 2017. 270 p. ISBN 978-92-642-7028-2. Disponível em: <<https://www.moneysmart.gov.au/media/560519/pisa-2015-vol-iv-pisa-2015-results-students-financial-literacy.pdf> > Acesso em: 08 abr. 2018.

_____. **PISA 2018 released financial literacy items**. 2018. Disponível em: <<http://www.oecd.org/pisa/test/PISA2018-financial-literacy-items.pdf>>. Acesso em: 09 mai. 2019.

OECD INFE. **Measuring Financial Literacy: Questionnaire and Guidance Notes for conducting an Internationally Comparable Survey of Financial literacy**. Paris: OECD, 2011. Disponível em: <<https://www.oecd.org/finance/financial-education/49319977.pdf>>. Acesso em: 01 mar 2018.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia Angelis. Paradigmas da Educação Financeira no Brasil. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, dez. 2007. Disponível em: < <http://w.scielo.br/pdf/rap/v41n6/06.pdf> >. Acesso em: 23 fev. 2019.

SOUZA, Geizi Fernandes de. **O Letramento Financeiro e a Matemática Financeira Básica no Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, Dissertação, 2016. Disponível em: < https://sca.proformat-sbm.org.br/sca_v2/get_tcc3.php?id=95523>. Acesso em: 26 mar. 2019.

SPC.

TAYLOR, Mark P.; PEVALIN, David J.; TODD, Jeniffer. The psychological costs of unsustainable housing commitments. **Psychological Medicine**, v. 37, n. 7, p. 1027-1036, 2007. Disponível em: <<https://www.econstor.eu/bitstream/10419/92149/1/2006-08.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

TEIXEIRA, James. **Um estudo diagnóstico sobre a percepção da relação entre educação financeira e matemática financeira**. Tese (Tese em Educação Matemática) – PUC-SP. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/11025/1/James%20Teixeira.pdf> >. Acesso em: 16 mar. 2019.

TURUNEN, Elina; HIILAMO, Heikki. Health effects of indebtedness: a systematic review. **BCM public health**, v. 14, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://bmcpublikealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-14-489>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

URBAN, Carly et al. The effects of high school personal financial education policies on financial behavior. **Economics of Education Review**, EUA, 16 mar. 2018. DOI: <<https://doi.org/10.1016/j.econedurev.2018.03.006>>. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272775718301699> >. Acesso em: 21 jun. 2018.

WISNIEWSKI, M. L. Gaspar. A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. **Revista Intersaberes**, v. 6, n. 12, p. 155-172, 2011. Disponível em: [https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/reviss que ta/article/download/32/17](https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/reviss%20que%20ta/article/download/32/17). Acesso em 01 mar. 2019.

ANEXO A - Quadro dos níveis de proficiência em letramento financeiro

Quadro 2: Tarefas que os estudantes de cada nível são capazes de executar e o número de estudantes existentes em cada grupo no PISA 2018

Nível	Pontuação	Porcentagem dos estudantes capazes de alcançar requisitos de cada nível (OCDE média-10 – PISA 2015)	O que os estudantes podem tipicamente fazer
1	Entre 326 para menos de 400 pontos	21,1%	Estudantes conseguem identificar produtos e termos financeiros comuns e interpretar informação relacionada a conceitos financeiros básicos. Eles podem reconhecer a diferença entre necessidades e desejos e podem fazer simples decisões nos gastos do dia-a-dia. Eles podem reconhecer a proposta diária de documentos financeiros como uma fatura e aplicar operações numéricas simples e básicas (adição, subtração ou multiplicação) em contextos financeiros que eles podem encontrar pessoalmente.
2 Linha de base	De 400 até menos de 475 pontos	22,6%	Estudantes começam a aplicar o conhecimento financeiro deles nos produtos financeiros comuns e termos e conceitos financeiros frequentemente usados. Eles podem usar determinada informação para fazer decisões financeiras em contextos que são imediatamente relevantes para eles. Eles podem reconhecer o valor de um simples orçamento e podem interpretar características proeminentes dos artigos financeiros do dia-a-dia. Eles podem utilizar operações numéricas básicas, incluindo divisão, para responder questões financeiras. Eles mostram um entendimento entre diferentes elementos financeiros, como a quantidade de uso e os custos incorridos.

3	De 475 até menos de 500 pontos	26%	<p>Estudantes podem aplicar o conhecimento deles em conceitos, termos e produtos financeiros corriqueiros para situações que são relevantes para eles. Eles começam a considerar as consequências das decisões financeiras e eles podem fazer planos financeiros familiares para contextos simples. Eles podem fazer interpretações diretas de uma gama de artigos financeiros, e podem usar operações numéricas básicas, incluindo cálculo de porcentagem. Eles podem escolher as operações numéricas necessárias para resolver problemas rotineiros em contextos comuns do letramento financeiro, como cálculo de orçamento.</p>
4	De 550 até menos de 625 pontos	19,6%	<p>Estudantes podem aplicar o conhecimento conceitos, termos e contextos financeiros comuns que serão importantes para eles conforme eles vão amadurecendo, como gerenciamento de conta bancária e juro composto em carteira de investimento. Eles podem interpretar e avaliar uma gama de artigos financeiros específicos, como declaração bancária e explicar as funções dos produtos financeiros menos comuns. Eles podem fazer decisões financeiras usando consequências de longo prazo, entendendo todos os custos implícitos de pagamento de um financiamento depois de um longo período e eles podem solucionar problemas rotineiros em contextos financeiros menos comuns.</p>
5	Igual ou maior do que 625 pontos	10,7%	<p>Estudantes podem aplicar o conhecimento deles a uma grande quantidade de termos, conceitos para contextos que podem se tornar relevantes para a vida deles no longo prazo. Eles podem analisar produtos financeiros complexos e podem escolher pontos de artigos financeiros que são para eles significantes, mas não estão explícitos formalmente, ou imediatamente evidente, como custos de transação. Eles podem trabalhar com um alto nível de precisão para resolução de problemas financeiros pouco comuns e eles podem</p>

descrever potenciais resultados das decisões financeiras, mostrando um entendimento muito amplo do cenário financeiro, tais como cálculo de imposto de renda.

Fonte: Traduzido de OCDE (2018, p. 4)

ANEXO B - Pesquisa da Standards & Poors para avaliar o nível de pessoas com letramento financeiro por país

Tabela 3: Adultos letrados financeiramente por país

Afeganistão	14	Costa Rica	35
Albânia	14	Croácia	44
Argélia	33	Chipre	35
Angola	15	República Tcheca	58
Argentina	28	Costa do Marfim	35
Armênia	18	Dinamarca	71
Austrália	64	República Dominicana	35
Áustria	53	Equador	30
Azerbaijão	36	Egito	27
Bahrein	40	El Salvador	21
Bangladesh	19	Estônia	54
Belarus	38	Etiópia	32
Bélgica	55	Finlândia	63
Belize	33	França	52
Benin	37	Gabão	35
Butão	54	Geórgia	30
Bolívia	24	Alemanha	66
Bósnia e Herzegovina	27	Gana	32
Botswana	52	Grécia	45
Brasil	35	Guatemala	26
Bulgária	35	Guiné	30
Burkina Faso	33	Haiti	18
Burundi	24	Honduras	23
Camboja	18	Hong Kong, China	43
Camarões	38	Hungria	54

Canadá	68	Indonésia	32
Chad	26	Irã	20
Chile	41	Iraque	27
China	28	Irlanda	55
Colômbia	32	Israel	68
Congo	32	Itália	37
Japão	43	Noruega	71
Jordânia	24	Paquistão	26
Cazaquistão	40	Panamá	27
Quênia	38	Peru	28
Korea, Rep.	33	Filipinas	25
Kosovo	20	Polônia	42
Kuwait	44	Portugal	26
Quirguistão	19	Porto Rico	32
Letônia	48	România	22
Líbano	44	Rússia	38
Lituânia	39	Ruanda	26
Luxemburgo	53	Arábia Saudita	31
Macedônia	21	Senegal	40
Madagascar	38	Sérvia	38
Malawi	35	Serra Leoa	21
Malásia	36	Singapore	59
Mali	33	Eslováquia	48
Malta	44	Eslovênia	44
Mauritânia	33	Somália	15
Maurício	39	África do Sul	42
México	32	Espanha	49
Moldávia	27	Sri Lanka	35

Mongólia	41	Sudão	21
Montenegro	48	Suécia	71
Myanmar	52	Suíça	57
Namíbia	27	Taiwan, China	37
Nepal	18	Tajiquistão	17
Holanda	66	Tanzânia	40
Nova Zelândia	61	Tailândia	27
Nicarágua	20	Togo	38
Níger	31	Tunísia	45
Turquemenistão	41		
Uganda	34		
Ucrânia	40		
Emirados Árabes Unidos	38		
Reino Unido	67		
Estados Unidos	57		
Uruguai	45		
Uzbequistão	21		
Venezuela	25		
Vietnã	24		
Cisjordânia e Gaza	25		
Iêmen	13		
Zâmbia	40		
Zimbabwe	41		

Fonte: Traduzido de Kappler, Lusardi e Oudheusden (2015, p. 22-26)

ANEXO C - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 5

Figura 4 - Problema 1 do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018

COSTS OF RUNNING A CAR

Mr Davies takes out a loan to buy a car for his family. The interest rate on the loan is fixed.

One cost Mr Davies will have is monthly loan repayments. There are also other costs of running a car such as petrol costs and repair and maintenance costs.

Question

Some costs will increase if the family uses the car more, but other costs will stay the same.

For each cost in the table, put a circle around "Increases" or "Stays the same" to show what is likely to happen if the family uses the car more.

Cost	What is likely to happen to the cost if the family uses the car more?
Monthly loan repayments	Increases / Stays the same
Petrol costs	Increases / Stays the same
Repair and maintenance costs	Increases / Stays the same

Fonte: OCDE (2018, p. 5)

ANEXO D - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 6

Figura 5 - Problema 2 do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018

MUSIC SYSTEM

Kelly asks her bank to lend her 2000 zeds to buy a music system.

Kelly has the choice to repay the loan over two years or over three years. The annual interest rate on the loan is the same in each case.

The table shows the repayment conditions for borrowing 2000 zeds over **two** years.

repayment period	monthly repayment (zeds)	total repayment (zeds)	total interest paid (zeds)
two years	91.67	2200.08	200.08

Question

How will the repayment conditions for borrowing 2000 zeds over **three** years be different to the repayment conditions over two years?

Circle "True" or "False" for each statement.

Statement	Is the statement true or false?
The monthly repayments will be larger for a loan over three years.	True / False
The total interest paid will be larger for a loan over three years.	True / False

Fonte: OCDE (2018, p. 6)

ANEXO E - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 8

Figura 6: Problema 3 (parte 1) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018

BANK STATEMENT

Each week, Mrs Citizen transfers 130 zeds into her son's bank account.

In Zedland, banks charge a fee for each transfer.

Mrs Citizen received this statement from her bank in November 2011.

ZEDBANK				
Statement for: <i>Mrs Citizen</i>		Account type: <i>Current</i>		
Month: <i>November 2011</i>		Account number: <i>Z0005689</i>		
Date	Transaction details	Credit	Debit	Balance
1-Nov	Opening balance			1780.25
5-Nov	Wages	575.00		2355.25
5-Nov	Transfer		130.00	2225.25
5-Nov	Transfer fee		1.50	2223.75
12-Nov	Wages	575.00		2798.75
12-Nov	Transfer		130.00	2668.75
12-Nov	Transfer fee		1.50	2667.25
13-Nov	Withdrawal		165.00	2502.25
19-Nov	Wages	575.00		3077.25
19-Nov	Transfer		130.00	2947.25
19-Nov	Transfer fee		1.50	2945.75
26-Nov	Wages	575.00		3520.75
26-Nov	Transfer		130.00	3390.75
26-Nov	Transfer fee		1.50	3389.25
27-Nov	Withdrawal		180.00	3209.25
27-Nov	Withdrawal (Rent)		1200.00	2009.25
30-Nov	Interest	6.10		2015.35

Question 1

What were the total fees charged by the bank in November?

Fonte: OCDE (2018, p. 8)

ANEXO F - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 9**Figura 7: Problema 3 (parte 2) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018****Question 2**

The next transactions occurred on 3 December:

- Wages of 575 zeds were deposited into Mrs Citizen's account.
- Mrs Citizen transferred 130 zeds into her son's account.

Mrs Citizen made no other transactions on 3 December.

What was her new bank balance at the close of business on 3 December?

Balance in zeds:

Fonte: OCDE (2018, p. 9)

ANEXO G - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 11-12

Figura 8: Problema 4 (parte 1) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018

PHONE PLANS

Ben lives in Zedland and has a mobile phone. In Zedland there are two different kinds of phone plan available.

Plan 1

- You pay the phone bill at the end of the month.
- The bill is the cost of the calls you make **plus** a monthly fee.

Plan 2

- You buy credit for the phone in advance.
- The credit lasts for a maximum of one month or until all credit has been used.

Question 1

What is one possible **financial** advantage of using phone plans like **Plan 2**?

.....

.....

.....

Stimulus update

Ben decides to use Plan 1. He must now choose which phone company to use.

The table below shows the details of the four different phone companies that offer Plan 1. All costs are shown in zeds.

	Company 1	Company 2	Company 3	Company 4
Monthly fee (zeds)	20	20	30	30
Cost of call per minute (zeds)	0.27	0.25	0.30	0.25
Number of free minutes per month	90	90	60	60
Cost of text message (zeds)	0.02	0.02	free	0.01
Number of free text messages per month	200	100	unlimited	200

Fonte: OCDE (2018, p. 11-12)

ANEXO H - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 13

Figura 9: Problema 4 (parte 2) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018

| 13

Question 2



Ben

I speak on the phone for about an hour each day, but I very rarely send text messages.

Which phone company offers the best financial deal for Ben?

- A Company 1
- B Company 2
- C Company 3
- D Company 4

Fonte: OCDE (2018, p. 13)

ANEXO I - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 14

Figura 10: Problema 5 do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018

RINGTONES

Colin sees this advertisement in a magazine for teenagers.

Get **Cheeky Monkey™** ringtones for your phone.
Your phone will make a monkey noise when your friends call you.

Get one **NOW** for only **3 zeds***



Text the word MONK to 13 45 67

* Each ring-tone costs 3 zeds. By texting MONK to 13 45 67 customer agrees to receive a different Cheeky Monkey™ ring-tone every day. Customer can cancel contract at any time by texting STOP to 13 45 67. Cancellation fee is 5 zeds.

Question

Colin has 30 zeds credit on his phone.

He texts the word MONK to 13 45 67.

Colin does **not** use his phone again to make calls or send texts. He does **not** add any more credit.

How much credit will Colin have on his phone exactly one week later?

Credit in zeds:

Fonte: OCDE (2018, p. 14)

ANEXO J - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 16**Figura 11: Problema 6 do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018****ONLINE SHOPPING****Question**

Kevin is using a computer at an Internet café. He visits an online shopping website that sells sports equipment. He enters his bank card details to pay for a football.

The security of financial information is important when buying goods on line.

What is one thing Kevin could have done to increase security when he paid for the football on line?

.....

.....

.....

Fonte: OCDE (2018, p. 16)

ANEXO K - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 18**Figura 12: Problema 7 do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018****MOBILE PHONE CONTRACT**

Alan wants a mobile phone but he is not old enough to sign the contract.

His mother buys the phone for Alan and signs a one-year contract.

Alan agrees to pay the monthly bill for the phone.

After 6 weeks, Alan's mother discovers that the bill has **not** been paid.

Question

Is each statement about the mobile phone bill true or false?

Circle "True" or "False" for each statement.

Statement	Is the statement about the mobile phone bill true or false?
Alan's mother is legally responsible for paying the bill.	True / False
The mobile phone shop must pay the bill if Alan and his mother do not.	True / False
The bill does not have to be paid if Alan returns the mobile phone to the shop.	True / False

Fonte: OCDE (2018, p. 18)

ANEXO L - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 19

Figura 13: Problema 8 do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018

CHARITABLE GIVING

The screenshot displays the PISA 2018 interface for a question titled "Charitable Giving". The interface is divided into two main sections. On the left, a sidebar contains the question title and instructions: "Refer to 'Charitable Giving' on the right. Type your answer to the question." Below the instructions is a large empty text box for the student's response. On the right, the main content area is titled "CHARITABLE GIVING" and features a dialogue between two characters, Edward and Lisa. Edward asks Lisa about her birthday money, and Lisa explains that she donated it to the WellBabies charity. Edward expresses surprise, and Lisa clarifies that she was asked for money and used her bank card for the donation.

CHARITABLE GIVING

Lisa, did you decide what to do with your birthday money?

Actually, I donated most of it to the WellBabies charity yesterday.

Oh really? I've never heard of WellBabies.

No, I hadn't either, but they called me and asked for money, so I gave them a donation with my bank card.

Edward

Lisa

Fonte: OCDE (2018, p. 19)

ANEXO M - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 21-22

Figura 14: Problema 9 (parte 1) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018

PISA 2018

ZCycle
Introduction

A new bike-sharing program called ZCycle was just introduced in Zedtown. Riders can pick up bikes at one bike station and then drop them off at another when they are finished riding.

In order to use ZCycle you must become a member and pay a membership fee.

Membership for ZCycle is handled through a smartphone app, as shown on the right.

To see the different prices for each plan:

- Click on "Annual" to see the annual membership fee.
- Click on "Monthly" to see the monthly membership fee.
- Select "1" ride at 61-120 minutes and "1" at 121 minutes or more to see those fees.
- Click on "Calculate Total" to see the total charge.
- Click on new selections and "Calculate Total" to see different options.

ZCycle Bike-Sharing

Membership Fee		Zeds
<input type="radio"/>	Annual	
<input type="radio"/>	Monthly	
	Number of Months	
Number of Rides	Length of Rides (minutes)	
Unlimited	Up to 60	FREE
<input type="text"/>	61 - 120	
<input type="text"/>	121 or more	
TOTAL		

Question 1

PISA 2018

ZCycle
Question 1 / 4

How to Use the ZCycle App

Refer to the ZCycle app on the right. Using the number keys, type your answer to the question.

Julie would like to use ZCycle to commute to and from work during the week. It will take her 45 minutes to ride to work and the same to ride home.

She would also like to use the bike twice a month on the weekends for bike rides that will be more than three hours long.

What would be Julie's total cost for a one-month membership?

zeds

ZCycle Bike-Sharing

Membership Fee		Zeds
<input type="radio"/>	Annual	
<input type="radio"/>	Monthly	
	Number of Months	
Number of Rides	Length of Rides (minutes)	
Unlimited	Up to 60	FREE
<input type="text"/>	61 - 120	
<input type="text"/>	121 or more	
TOTAL		

Fonte: OCDE (2018, p. 21-22)

ANEXO N - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 23-24

Figura 15: Problema 9 (parte 2) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018

Question 2

PISA 2018

ZCycle
Question 2 / 4

How to Use the ZCycle App

Refer to the ZCycle app on the right. Click on a choice and then use the number keys to type your answer to the question.

Julie wants to know if it would be cheaper for her to purchase six monthly memberships or one annual membership if she is only going to use ZCycle for six months.

Remember that Julie wants to ride a bike to and from work every day (45 minutes each way) and twice a month for more than three hours.

Which membership is less expensive?

Annual Membership
 6 Monthly Memberships

How much would the less expensive membership save Julie in six months?

zeds

ZCycle Bike-Sharing

Membership Fee		Zeds
<input type="radio"/>	Annual	
<input type="radio"/>	Monthly	
Number of Months		
Number of Rides	Length of Rides (minutes)	Zeds
Unlimited	Up to 60	FREE
<input type="text"/>	61 - 120	
<input type="text"/>	121 or more	
TOTAL		

Calculate Total

Question 3

PISA 2018

ZCycle
Question 3 / 4

Refer to Julie's bill on the right. Click on a choice and then use the number keys to type your answer to the question.

Julie decides to try the ZCycle bike-sharing program for one month. At the end of the month she receives the bill shown on the right from ZCycle on her smartphone.

She has kept careful records of the number of rides she has taken and how long each lasted. Therefore, she's sure that there is a mistake in the fees that she has been charged.

Which fee is incorrect?

1 Month Membership - 20 zeds
 10 Rides Up to 60 Minutes - 10 zeds
 0 Rides 61-120 minutes - 0 zeds
 2 Rides 121 or more minutes - 12 zeds

What is the correct total amount due?

zeds

ZCycle Bike-Sharing

ACCOUNT NUMBER 271828

Membership Fee		Zeds
1	Month	20
Rides		Zeds
10	Up to 60 minutes	10
0	61 - 120 minutes	0
2	121 or more minutes	12
TOTAL AMOUNT DUE		42

Fonte: OCDE (2018, p. 23-24)

ANEXO O - Exame Base de Educação Financeira do PISA 2018 p. 25

Figura 16: Problema 9 (parte 3) do Exame Base de Educação Financeira da PISA 2018

Question 4

PISA 2018

ZCycle
Question 4 / 4

How to Use the ZCycle App

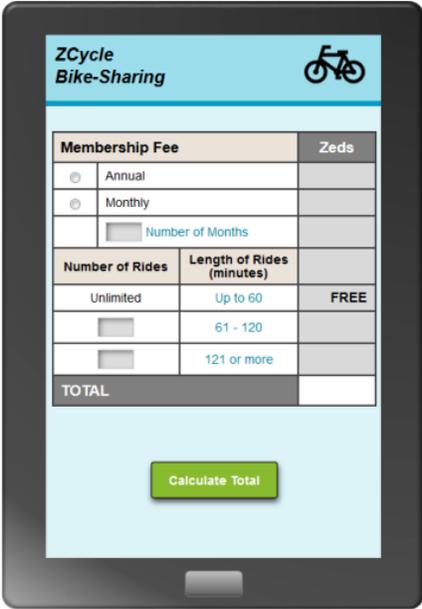
Refer to the ZCycle app on the right. Click on a choice and then type an explanation to answer the question.

Julie's friend Alex is starting a temporary job that will last for 8 months. He has enrolled in ZCycle with an annual membership so he can ride to and from work. The ride takes between 50 to 65 minutes depending on traffic conditions.

Was it a good financial choice for Alex to select the annual membership?

Yes
 No

Explain your answer.



Membership Fee		Zeds
<input type="radio"/> Annual		
<input type="radio"/> Monthly		
	Number of Months	
Number of Rides	Length of Rides (minutes)	
Unlimited	Up to 60	FREE
	61 - 120	
	121 or more	
TOTAL		

Calculate Total

Fonte: OCDE (2018, p. 25)